

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

A ordem própria da língua: um desejo inconfesso

ELIANE MARA SILVEIRA

Orientadora: NINA VIRGÍNIA DE ARAÚJO LEITE

Campinas

1997

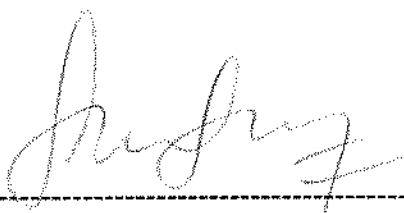
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



Profª Drª Nina Virginia de Araújo Leite (orientadora)



Profª Drª Claudia Thereza Guimarães de Lemos Lemos



Profª Drª Silvana Serrani-Infante

Profª Drª Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Elaine Marcos

Silvânia

e aprovada pela Comissão Julgadora em

24, 02, 97.

Profª Drª Nina Virginia de Araújo Leite

Ao André

ELIANE MARA SILVEIRA

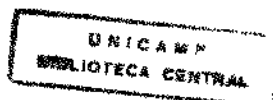
A ordem própria da língua: um desejo inconfesso

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Nina Virgínia De Araújo Leite †

Campinas

1997



9705020

UNIDADE	00C
N.º CHAMADA:	T/Unicamp
Si 390	
V.	Ed.
TOMBO DO	30114
PROC.	281197
C	☐ D ☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	13-05-93
N.º CPD	

CM-01095210-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Si390 Silveira, Eliane Mara
A ordem própria da língua: um desejo in-
confesso / Eliane Mara Silveira. - - Campi-
nas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Nina Virgínia de Araújo Leite
Dissertação (mestrado) - Universidade Es-
tadual de Campinas, Instituto de Estudos da
Linguagem.

1. Linguística 2. Inconsciente 3. éti-
ca I. Leite, Nina Virgínia de Araújo. II.
Universidade Estadual de Campinas. Institu-
to de Estudos da Linguagem. III. Título.

Agradecimentos

Ao Mauro Mendes Dias, pelo trabalho;

A Claudia Riolfi, por reconhecer uma aposta;

A Nina, cujo investimento possibilitou o meu trabalho no sentido de sustentar uma aposta;

À profa. Claudia Lemos, pelos incontáveis momentos em que a sua fala teve sobre mim efeitos de revelação;

Ao prof. Sírio Possenti, pelas sugestões por ocasião da qualificação;

A Viviane Veras, pelo seu empenho, através da revisão do texto e das valiosas sugestões;

A Tauana, minha filha, cujo valor de interrogação tem sobre mim os efeitos mais produtivos;

Aos meus pais, por tudo.

Resumo

No presente trabalho, propusemo-nos a discutir a questão da ordem própria da língua a partir do Curso de Lingüística Geral do célebre lingüista genebrino Ferdinand de Saussure. Reconhecemos no movimento fundador do lingüista genebrino, ao isolar e formalizar a língua enquanto objeto da Lingüística, um legado aos lingüistas: a tarefa de teorizar acerca do que é específico do funcionamento da língua, ou seja, uma ordem própria da língua. Entretanto, procuramos tratar de um deslocamento relativo a teorização saussuriana sobre a ordem própria da língua é visível a partir das considerações de outra área: a Psicanálise.

Esse deslocamento, que autoriza dizer de um desejo inconfesso, nós o perseguimos a partir da leitura de Milner¹, um lingüista em cuja obra os efeitos da psicanálise se fizeram sentir e inspiraram a nossa reflexão. O deslocamento de que falamos diz respeito à consideração da hipótese do inconsciente nessa ordem própria da língua. Assim, o que chamamos de produção linguageira é sobredeterminada pelos efeitos do que se organiza em outra cena. Há, em suma, um efeito de superfície que oculta os mecanismos diferenciais de um pensamento simbólico.

Nessa perspectiva, julgamos relevante considerar que essa noção de língua permite problematizar o conceito de ciência que se sustenta no primado da razão. Seja porque é da escrita que a ciência depende; seja porque a hipótese do inconsciente não é condizente com o primado da razão.

De acordo com esse quadro, a Filosofia interessa aqui como área do conhecimento que se ocupa das teorias do sujeito que sustentam a noção de ciência moderna; a Lingüística, enquanto ciência que se ocupa do objeto que introduz, na nossa perspectiva, uma subversão para a própria ciência: a saber, a língua; e a Psicanálise, como o que possibilita pensar essa subversão.

¹ - J.C.Milner; *La Amour de Lalangue*; Edit du Seuil, Paris; 1978.

Índice

Apresentação.....	01
1. A ordem própria da língua.....	07
2. A Lingüística e uma certa relação com a ciência.....	23
2.1. O sujeito como questão: a ciência e o inconsciente.....	29
2.2. O Sujeito e a Ciência: a falta como condição do desejo.....	37
3. Estruturalismo e Psicanálise.....	48
4. Um certo Estruturalismo ou como se engendra a ordem simbólica.....	56
5. A Estrutura ou a inclusão do terceiro.....	62
Considerações finais.....	68
Referências Bibliográficas.....	72

Apresentação

Tratar a ordem própria da língua como um desejo inconfesso é, na verdade, atestar a impossibilidade de simbolização de um real da língua, como o não articulável, o que resiste à simbolização. Tratar dessa impossibilidade para *lalangue*¹, enquanto objeto da Lingüística, significou, de certa forma, problematizar esta área de saber, e abordou questões caras à Lingüística: o seu estatuto de ciência e o status de precursora do Estruturalismo.

Se esses dois primeiros pontos atestam um lugar relativamente confortável para a Lingüística, reconhecida pela sociedade científica e até tomada como ciência piloto das ciências humanas após o advento do Estruturalismo, não é o mesmo que se verifica quando se trata de um outro ponto, caro ao nosso trabalho: a Psicanálise. Esta, tal qual foi pensada por Lacan, traz justamente o real da língua como questão. Um desconforto constituinte, próprio da língua, diante do qual não há solução teórica, porque a língua, conquanto inclua este real que indica uma falta no simbólico, esquiva-se da construção de um sistema que o inclua totalmente. O real atesta, assim, um mal estar na língua.

Assim, o nosso trabalho busca um olhar sobre a Lingüística, mas um olhar marcado, que se propõe condizente com a formulação teórica da Psicanálise.

¹ - A palavra *lalangue*, como foi colocada por Lacan, refere-se à língua considerando o real que ela comporta e foi traduzida para o português como *alíngua*; entretanto, usaremos o termo tal qual foi postulado em francês: *lalangue*.

Saussure é trazido aqui como o pai da Lingüística, o responsável pelo gesto inaugural que funda essa área do saber. Interessa-nos recuperar parte desse gesto, procurar pensar esse movimento como aquele que constitui a Lingüística, mas a partir da hipótese de que a Psicanálise é capaz de marcar alguma diferença para a Lingüística.

A ordem própria da língua só pode ser tratada como desejo inconfesso, naquilo que uma lingüística afetada pela Psicanálise pode atestar de um real da língua, da presença da *lalangue* em uma constituição que engendra um movimento que se pode considerar como específico da língua.

Trata-se, neste momento, de empreender um movimento capaz de circunscrever uma posição em relação à língua. Esta posição, que queremos alinhar à de Saussure², não se equipara a um imperativo conceitual. Sendo assim, trata-se de eleger, a partir de uma busca, um lugar em que se possam circunscrever os efeitos da experiência de um sujeito na língua, ou seja, nas palavras de Saussure: "(...)é **necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua** e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem" (*op. cit.*,p.16, grifo nosso). Desta forma, estaremos mais empenhados na busca de tal lugar do que na busca dos conceitos de *língua*, *lingüista* ou *a tarefa do lingüista* em Saussure; embora estas sejam questões de nosso interesse e tratadas durante o trabalho. No Curso de Lingüística Geral³ os conceitos

² - Daqui para frente reputaremos a Saussure todas as referências ou citações que trazemos do Curso de Lingüística Geral. Sabemos que o Curso não representa exatamente as elaborações saussureanas, mas as anotações de C.Bally e A.Sechehaye, alunos de Saussure. A nossa opção se justifica pelo fato de ser reputado a Saussure o lugar de fundador de uma ciência lingüística a partir de elaborações encontradas no Curso de Lingüística Geral.

³ -F. de Saussure; **Curso de Lingüística Geral**; editora Cultrix, São Paulo, 1973.

Doravante denominado apenas Curso.

que, para este trabalho são caros, ofereceram-se como pistas para uma caminhada, uma vez que introduzem diferenças quanto à Lingüística de então e essas diferenças não serão negligenciadas durante o trabalho.

Sabemos que para uma empreitada dita científica, como é o caso desta pesquisa, assumir que a questão dos conceitos, uma das bases de sustentação das ciências humanas, não será, em um determinado momento do trabalho priorizada, implica algumas conseqüências. Quanto as essas conseqüências, podemos tomá-las em, pelo menos, dois sentidos: em primeiro lugar como menosprezo à ética científica, questão que será, por ora, deixada em suspenso; em segundo, como a possibilidade de que a ética científica, a partir de algumas implicações, possa ser outra.

Isto posto, gostaríamos de colocar que se este trabalho, em especial no caso da ordem própria da língua em Saussure, coloca em xeque uma determinada ética científica: a dos conceitos fechados, acabados, é porque achamos pertinente a problematização dessa ética. Queremos supor que o trabalho coloca em xeque determinada ética científica porque, não obstante admitirmos que o conceito de ordem própria da língua, tal como é colocado por Saussure, sustente-se em uma rede conceitual que por si só não representam essa ordem, ainda assim ela representa a base de sustentação da Lingüística.

Sendo assim, a ética em questão se sustenta por trazer para a teoria Lingüística, a partir da Psicanálise, um real da língua que atesta uma falta no simbólico. Não a falta de um elemento, pois não se pode negar que um conjunto de elementos compõem uma língua, mas a falta que se reconhece no equívoco, ou seja, por um jogo que escapa ao sujeito: lapso, ato falho, ou chiste. Um elemento pode vir a se transformar em outro. Reconhecer esse real, como esburaqueador do que é efeito da produção languageira pertence a nossa ética nesse

trabalho, reconhecer que dizer dele comporta uma dimensão de impossível, uma vez que ele se esquivava de um sistema que o incluía totalmente, não nos impede de reconhecer a sua dimensão na língua, tão pouco se esquivava de sofrer seus efeitos.

Este real de que falamos não deve ser confundido com a realidade, trata-se na verdade de um conceito advindo da Psicanálise. Lacan distingue três registros essenciais da realidade humana; registros muito distintos e que são assim nomeados: o Imaginário, o Simbólico e o Real. Esses três registros são, portanto, constitutivos da estrutura do sujeito que é representado de um significante para outro. Vejamos o que significam cada um desses registros que, embora distintos, não funcionam senão em articulação.

O Imaginário constitui o registro do engodo e da identificação⁴. Este registro tem a ver diretamente com as imagens, ou a matéria prima a partir da qual se estrutura o ego no estágio do espelho, por meio de identificações; sendo assim, é o plano onde se manifesta o ego apontando a ilusão de consciência.

O registro do Simbólico, fala-se de preferência de uma ordem simbólica que envolve toda a atividade humana, tem na linguagem sua expressão mais concreta. Trata-se do âmbito da palavra e de suas conseqüências na constituição do ser humano. O Simbólico pode ser tomado como um registro estruturador de uma ordem própria da língua, ou seja, designa a *lei* que funda essa ordem, que ordena a vida do homem e o diferencia dos animais. Esse dispositivo só atinge sua estrutura definitiva com a instalação do Édipo, cujo papel é normalizar a falta, atribuindo-lhe um lugar.

⁴ - Nos referimos aqui a vertente imaginária da identificação, tal como Lacan desenvolve no início da sua reflexão teórica, sem nos preocuparmos com distinções tais como eu ideal e ideal do eu que possibilitariam a Lacan diferenciar identificação imaginária e simbólica.

A ordem simbólica, segundo Lacan, só conhece a sua própria ordem; Saussure também diria o mesmo considerando a ordem própria da língua; contudo, ordem simbólica e ordem própria da língua não são equivalentes. Conseqüente com a teoria lacaniana o funcionamento da língua estaria atrelado ao entrelaçamento desses três registros acima mencionados: Simbólico, Real e Imaginário. Por conseguinte, uma equivalência entre ordem simbólica e ordem própria da língua, considerando essa última a partir da psicanálise, não se torna possível.

O Real, para Lacan, só pode ser definido em relação ao Simbólico e ao Imaginário. Definido como impossível, o Real é aquilo que não pode ser simbolizado totalmente, seja na palavra, seja na escrita, e, por conseqüência, não cessa de não se escrever, presentificando-se como falta.

A reflexão sobre o Real faz emergir a já antiga questão filosófica da relação imediata entre o sujeito do conhecimento e o objeto de pesquisa. Considerando o Real, na sua dimensão de resistência à construção de um sistema que o simbolize de uma vez por todas, a relação imediata entre o sujeito do conhecimento e o objeto de pesquisa torna-se impossível. O Real, embora resista à simbolização, comparece em qualquer produção humana de modo a se inscrever como uma falta, a qual provoca um movimento claudicante que denuncia uma estrutura. Esse sujeito do conhecimento não se pode supor livre do desejo inconsciente o que impedirá o acesso imediato a qualquer objeto; este será sempre sobredeterminado pelo desejo do sujeito.

Saussure é então trazido para o nosso trabalho, a partir da sua insistência quanto a uma ordem própria da língua, embora as conceituações que constem do Curso, que sabemos não foi escrito por ele, muitas vezes não sejam capazes de escapar a uma aporia. Parece-nos fundamental recuperar esse movimento saussuriano em que o

próprio esforço para definir o que seja a ordem própria da língua parece dizer dela algo que escapa, que fura.

Os caminhos por nós percorridos são caminhos escolhidos, já traçados por Saussure e Freud, e visitados por Lacan.

1- A ordem própria da língua

" A teoria da língua é somente esta tese de Saussure levada a sério: 'na língua, há apenas diferenças'. " (Miller,1996, p.64)

Percorrer esse árido caminho da ordem própria da língua cumpre dois objetivos; o primeiro é buscar estabelecer algumas especificidades do trabalho do lingüista. Inicialmente, falaremos do que não se espera do lingüista, na expectativa de que, no decorrer do trabalho, desenhe-se melhor a sua função. Não é de se esperar do lingüista um movimento de simples adesão a determinada teoria; espera-se mais, espera-se que ele seja capaz de refletir, elaborar. O lingüista não nos parece dever estar à disposição de formulações teóricas prontas para serem aplicadas a determinados fenômenos. Qual seria então a tarefa do lingüista?⁴

O segundo objetivo deste momento do trabalho é discutir a especificidade do objeto da Lingüística: a língua. Para tanto, buscamos uma elaboração primeira desse objeto, porque nos parece que a partir da configuração do objeto, a língua, é que é possível dizer da tarefa do lingüista.

Para tornar possível uma reflexão acerca da ordem própria da língua, iniciemos o nosso trabalho pelo que foi colocado em questão por Pêcheux⁵. A colocação de Pêcheux nos diz da especificidade de uma

⁴ - Pergunta única da prova de ingresso no mestrado , em 1993, nessa instituição, e que ainda ecoa entre alguns.

⁵ - M. Pêcheux; "Análise Automática do Discurso (AAD 69)" in **Por uma Análise Automática do Discurso**. Gadet, F. & Hak, T. (orgs); Campinas: Ed.da Unicamp; 1990.

teoria da língua na Lingüística, do entrelaçamento que se dá entre a definição de língua e a tarefa do lingüista.

Pêcheux nos recorda de que antes de Saussure as preocupações da Lingüística estavam quase que totalmente voltadas para questões concernentes aos usos sintáticos e semânticos que pudessem auxiliar a responder questões relativas ao sentido do texto. Nesse momento da ciência da linguagem, a preocupação do lingüista é direcionada, na maior parte das vezes, para o estudo do texto colocando questões de natureza variada quanto ao sentido ou quanto à conformação de suas normas. Em outras palavras, a preocupação tinha por foco, mais precisamente, aquilo que o autor quis dizer. Um querer dizer que poderia ser depreendido a partir da análise das relações semânticas e sintáticas presentes no seu texto. Nas palavras de Pêcheux:

"(...) a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo ciência da expressão e ciência dos meios desta expressão, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber a compreensão do texto; da mesma forma que, no próprio texto, os 'meios de expressão' estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer-se compreender.)" (p.61)

Precisemos agora um gesto saussuriano que, neste trabalho, esclarece sobre a determinação de um lugar para a ordem própria da língua. Trata-se da agora clássica divisão *langue e parole*. Ao introduzir essa diferença, essa relativa distância entre a língua e a fala, ou seja, uma desnaturalização da homogeneidade entre o que é da ordem de uma prática languageira e o que é da ordem de uma teoria da língua, Saussure provoca um deslocamento conceitual acerca do objeto da Lingüística.

A Lingüística merecerá aqui uma demarcação explícita: há um *antes de Saussure* e um *depois de Saussure*:

“Ora, o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento*(...) (*op. cit.*, 1969, p.62)

A língua e a fala serão passíveis de um olhar diferenciado; para aquém da fala há a língua que deve ser pensada como um sistema.

Essa diferenciação pode ser entendida como deslocamento na medida em que a língua apreendida como um sistema e objeto eleito da Lingüística deixa de ser compreendida como tendo unicamente a função de exprimir sentidos. Esvaziada de sentido, a língua torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento.

A consequência desse deslocamento, escreve Pêcheux, é que o texto não poderá ser objeto de uma ciência Lingüística pois ele não funciona; o que funciona é a língua, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto: a língua como objeto de ciência, opõe-se à fala, como resíduo não científico da análise.

É particularmente importante para o nosso trabalho circunscrever a especificidade da língua enquanto sistema, isolá-la do conjunto de fenômenos que podem estar implicados numa produção languageira, de forma que, o que possa ser concernente unicamente ao funcionamento da língua, ou a uma ordem própria da língua, possa então adquirir algum relevo.

Neste momento, abandonamos Pêcheux, uma vez que no artigo supracitado, após explicitar a diferenciação operada por Saussure,

propõe-se a trabalhar com o que a Lingüística, ao especificar o seu objeto, deixou a descoberto: o terreno que ela estava abandonando, a análise de conteúdo ou a análise de texto. Essa retomada de Pêcheux vai em direção aos seus objetivos nesse momento: elaborar uma teoria que desse sustentação a “Uma análise automática do discurso” ou, mais precisamente, à formalização de um discurso. É preciso dizer ainda que Pêcheux foi um autor capaz de inspirar grandes questões acerca do funcionamento da língua ainda nesse momento da sua obra e muito especialmente, mais tarde, nas suas últimas publicações.

Para continuarmos a perseguir o nosso objetivo, circunscrever a especificidade de uma ordem própria da língua, a partir de alguns elementos que encontramos em Saussure, o primeiro a postular para a língua essa ordem própria, vamos nos valer de algumas de suas colocações acerca da língua. Estas nos darão a medida da dificuldade de se tratar com a língua enquanto objeto de pesquisa em um momento em que o próprio objeto, enquanto tal e não nas suas relações de atualização, não era especificado.

Até este momento, podemos demarcar alguns limites nesta relação do lingüista com a língua. A língua, enquanto sistema e não atualização, não se ofereceria aqui como objeto de observação, como poderia esperar um empirista. Os pilares da ciência moderna faziam-se sentir na elaboração saussuriana. O ideal empírico⁶ não seria reverenciado pela lingüística; no momento em que se requer para esta o estatuto de ciência, sente-se também uma aproximação das elaborações hegelianas. Isto porque, ao postular para a lingüística o estudo da língua enquanto funcionamento, o objeto de pesquisa não se daria a observar

⁶ - No empirismo de um modo geral, “Tem sido muito comum sustentar que o conhecimento se adquire mediante a experiência e se justifica ou valida pela experiência, mas também que não existe outra realidade senão a acessível aos sentidos.” in J.F.Mora, *Dicionário de Filosofia*, Martins Fontes; São Paulo 1994; p.205.

como poderia requerer o ideal empírico da certeza sensível, já que a língua, na sua atualização, não seria privilegiada. Nesse momento, germinava na lingüística uma prática que dependeria de uma hipótese, de uma construção teórica que possibilitasse uma reflexão sobre a língua; ou seja, a observação do objeto dependeria da hipótese ou formulação teórica que decidiria de sua constituição.

No Curso, Saussure atenta para a dificuldade de especificar o objeto, a língua. Segundo ele, o fenômeno lingüístico não se apresenta como um objeto passível de uma única análise. Procuraremos então especificar as dificuldades que a imprecisão do objeto da lingüística representava para um empreendimento do conhecimento.

A primeira análise de um fenômeno lingüístico, segundo Saussure, poderá parecer a mais adequada; entretanto, é perfeitamente possível que se sigam uma análise após outra que se mostrem igualmente aceitáveis. Tais vias de análise estariam unicamente na dependência da maneira pela qual a palavra enquanto unidade complexa, fosse considerada. Ora, tal dependência não passaria despercebido a nenhum lingüista nesse momento.

A reflexão saussuriana segue mostrando que uma palavra pode ser tomada pelo seu som, pelas suas raízes etimológicas ou pela sua representação. Não parece a Saussure, no entanto, que o objeto preceda o ponto de vista; antes é o ponto de vista que cria o objeto.

Tal posicionamento nos parece, como já apontamos antes, muito próximo da asserção hegeliana que ao postular que quando o saber (o conhecimento) sofre qualquer modificação “o objeto também se torna outro, pois ele pertence essencialmente a esse saber”.⁷

Além da dificuldade primeira, na especificação do objeto, ou seja, o objeto não se dissocia do lugar do lingüista, permitindo assim que ele camaleonicamente se ofereça aos sentidos bem como os azeites sem se ressentir, ainda temos outras dificuldades. Seja qual for o ponto de vista adotado para a verificação de um fenômeno lingüístico, tal fenômeno apresenta sempre duas faces que se correspondem e uma não vale senão pela outra. Além de haver muitas verdades para esse objeto, a verdade não é una, ela se divide para se completar novamente em outro lugar.

Tomemos o exemplo citado por Saussure no Curso: a correlação entre as impressões acústicas e os órgãos vocais. É evidente que um ocorre na dependência do outro, apenas uma dessas faces de um fenômeno lingüístico não seria suficiente sem a sua contraparte como forma de reconhecimento.

Esta articulação ainda não é a única a dificultar a postulação de um método que se ofereça convincente no trato com o objeto da lingüística; Saussure nos lembra de uma *temível* (sic) correspondência: o som não existe por si mesmo. Para Saussure o som não passa de um instrumento do pensamento; o som unidade complexa acústico-vocal, forma com a idéia uma unidade complexa, uma unidade fisiológica e mental.

Esta complexidade não encerra as dificuldades que o fenômeno lingüístico nos apresenta. Saussure reconhece no objeto da lingüística um lado social e um individual, sendo impossível conceber um sem o outro, e, finalmente, o objeto implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução.

⁷ -in G.W.F. Hegel. *A Fenomenologia do Espírito* - Tradução de Henrique de Lima Vaz. Edit.Nova Cultural - 1989 - vol II (coleção Os Pensadores) p.52.

Saussure, até esse momento em que expõe as diversas dificuldades no trato com a língua, alterna em vários momentos os termos língua, linguagem e fenômeno lingüístico; entretanto, quando nos oferece uma solução para tais problemas, separa, mais uma vez, a língua de outros fenômenos da linguagem.

"Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação." (*op. cit.*, p.17)

Assim, Saussure define o objeto da Lingüística: a língua e não a linguagem. Este objeto ainda mereceria ser separado da fala por ser desta distinto e constituir um objeto passível de ser estudado separadamente (*op. cit.*, p.22). O movimento saussuriano mostrará mais adiante a que veio: requerer para a lingüística não só o direito, mas a necessidade de estudar a língua em si, (*op. cit.*, p.25); a língua que sempre fora abordada em função de outra coisa ou sob outros pontos de vista.

Antes de buscarmos a especificidade que a língua enquanto objeto de estudo pode ter para Saussure cabe lembrar que a língua não poderia, para o lingüista genebrino, ser tomada como um objeto uno e indivisível; a língua seria para ele um sistema em funcionamento, e é isso que ele nos dirá por diversas vezes no decorrer do Curso, e que achamos procedente destacar quando a noção de signo é desenvolvida.

Ao isolar a língua como objeto de estudo Saussure postula uma representação que ele chamará de signo, a língua seria então um sistema de signos. O signo lingüístico designaria a combinação do conceito e da

imagem acústica, que ele substituiria respectivamente por significado e significante e cujos critérios básicos seriam: 1) a arbitrariedade, o laço que une significado e significante é arbitrário; 2) o caráter linear da cadeia significante. Os significantes, dispendo apenas da linha do tempo apresentam-se um após outro, formam uma cadeia.

Para Saussure, basta considerar os dois elementos, que entram em jogo no funcionamento da língua, o significado e o significante ou, conceito e imagem acústica, para que compreendamos que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros:

“Um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo.” (op cit, p.139)

É a partir dessa perspectiva de sistema que gostaríamos de entender Saussure, no que esse diz da língua.

O célebre lingüista genebrino definiu, em certo momento, o objeto da lingüística bem como a forma de tratá-lo: “(...)é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (op. cit., p.16). Aqui se descortina, ao meu ver um lugar para o lingüista, o terreno da língua, é aqui que ele deve colocar-se primeiramente. Não é de uma exterioridade, posto de observação privilegiado que se trata com a língua. Esse terreno da língua, autorizo-me a significá-lo como a ordem própria da língua, uma ordem que Saussure teve dificuldades em expor, e cuja importância é aqui inegável porque é própria da língua e não diz respeito a outras instituições. É com isso que o lingüista terá que se haver e, então, haverá de saber como empreender seu trabalho a partir de sua inscrição nesse

terreno mesmo da língua. Aquilo com o que trabalhamos haverá de fazer efeito sobre quem trabalha, assim como o trabalho acabará por modificar o objeto.

No que a constitui em oposição à fala, a língua mereceria ainda a seguinte definição de Saussure: “com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (*op. cit.*, p.22). Entretanto, Saussure já havia avisado (*op. cit.*, p.17) que a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos. Mais do que isolar a língua da fala, era preciso delimitar o que era especificidade de um e de outro. Saussure afirma então que *“a língua existe na coletividade sob a forma de sinais depositados em cada cérebrotrata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários.”* Dessa forma, percebemos que, nesse momento, Saussure alinha psiquismo e cérebro, e o caráter social se dá pelo que, da língua é repetível em cada cérebro, em cada indivíduo. Vemos que a busca de Saussure consiste em definir as características do objeto sobre o qual a Lingüística deve se debruçar: a língua pelo fato de que é repetível em cada indivíduo.

Nesta narrativa da definição de língua e caracterização dos seus componentes, autorizamos-nos a fazer entrar em cena outra peça importante deste sistema buscado por Saussure. É com o objetivo de criar condições para pensar o que vem a ser a ordem própria da língua que apontamos a alteridade como esse outro personagem. É preciso um outro para que haja língua enquanto sistema em funcionamento, parece que é o que podemos escutar de Saussure: “(...)a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe por completo.” Teria então essa ordem um caráter social? Gostaríamos de pensar o social da língua como deslocada por Saussure para uma outra dimensão, a

dimensão de alteridade. Ousamos, então, tecer a consideração de que o que em Saussure é chamado de social possa ser considerado como da ordem de uma alteridade. Se assim nos autorizamos é por considerar que, ao tempo de Saussure, havia uma oposição radical entre as categorias de social e individual (oposição que gostaríamos, minimamente, de fragilizar a partir de Freud, como veremos adiante); e também porque é justamente dessa noção de alteridade que depende o simbólico. Chemama⁸ traz-nos uma importante colocação, que alinha esta ordem própria, ou ordem simbólica, e a alteridade: “Se a referência a uma instância Outra é feita pela palavra, o Outro, em seu limite, confunde-se com a ordem da linguagem.”

Sendo assim, a alteridade é introduzida aqui como uma dimensão capaz de desmitificar a pretensa diferença radical entre o individual e o social. Para tanto lembraremos que Freud em 1921, num tempo posterior à elaboração saussuriana, publica o seu trabalho “Psicologia das massas e análise do ego”, no qual ele afirma que toda psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social, e prossegue o seu trabalho dando-nos elementos para refletir sobre a constituição do social numa dependência de uma particularidade, o ego. Se, de um lado, as relações sociais articulam-se sem prescindir de uma estrutura egóica; de outro, também o ego está na dependência dessas relações para a sua constituição.

Vê-se então que Saussure não tinha acesso, na época em que fez tais reflexões, a definições de categorias como individual e social que não primassem minimamente pela oposição. Entretanto, a elaboração freudiana, que não só relativiza essa oposição como implica uma relação entre ambas, parece ser bastante conveniente para pensar as

⁸ - R. Chemama.(organizador); *Dicionário de Psicanálise*; Trad.: F.F.Settineri; Artes Médicas; Porto Alegre; 1995.

categorias de individual e social em Saussure quando estas dizem respeito à ordem própria da língua.

Considerando a elaboração freudiana, já não ousaríamos atribuir à ordem própria da língua um caráter unicamente social ou individual. A língua, tal como nos apresenta Saussure, existe na dependência de uma relação. Mais tarde, no capítulo IV sobre o *Valor Lingüístico*, quando nos é apresentado o conceito de sistema, esta relação que rege a ordem própria da língua é nomeada: é uma relação de pura diferença.

Retomemos aqui a agora clássica divisão saussuriana entre língua e fala, o célebre lingüista genebrino registra que:

“O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essencial, que tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física.” (op.cit:p.27)

Ao postular para a língua uma essência social e independente do indivíduo considerando, ainda um estudo unicamente psíquico Saussure deixa algumas questões em aberto. Estas questões dizem respeito ao que vêm a ser, para o autor a ordem do social ou coletivo e o que é da ordem do particular. Podemos supor que, numa acepção geral, é mais natural que o termo psíquico adquira sentido de particularidade, de singularidade até, a não ser que seja especificado como psiquismo social, o que não acontece nesse momento em que a língua é definida em relação à fala. Entretanto, discutir aqui o que no início do século circunscrevia a ordem do psíquico, em especial aquilo a que Saussure teve acesso, não é do nosso interesse. Iniciamos uma tentativa de ressignificar categorias como social e individual em Saussure, a partir de Freud, com o objetivo de circunscrever o que possa ser essa ordem própria da língua.

Percorrer o caminho da ordem própria da língua, em Saussure, foi um exercício que nos pareceu importante; no entanto, à margem desse caminho, Saussure parece ter deixado muitas pistas para que dessa ordem muito mais possa ser dito. Foi seguindo essas pistas que Lacan pode traçar seu próprio caminho deixando-se nortear pelas indicações freudianas. É por isso que chamamos Lacan, este parece ter feito uma boa leitura de tais pistas e as leu pelas vias freudianas.

A partir da leitura feita por Lacan podemos entender que os seres falantes, por estarem submetidos à língua, estão também submetidos à existência de um certo impossível marcando uma certa relação. Esse impossível, chamado por Lacan de Real atesta um ponto da língua que embora não se possa tocar não deixa de comparecer.

É esse ponto que pode comparecer para o lingüista como um desejo inconfesso, no que o real faz parte dessa especificidade da língua; essa ordem própria da língua é que é inconfessável na lingüística e toma, assim, lugar de sintoma.

A ordem própria da língua, como Saussure a postulou, não deixou aos lingüistas a possibilidade de considerá-la como faltante na sua própria constituição, talvez porque justamente esse fechamento fosse responsável pelo seu estatuto de ciência; foi preciso que essa falta constitutiva da ordem própria da língua fosse falada por outro, de fora do campo que ela instituiu, de fora do campo da lingüística.

Alinhar a ordem própria da língua e o funcionamento do significante, não parece ter sido outra a interpretação de Lacan; assim como o simbólico, aparece, freqüentemente, associado às funções da linguagem e ao funcionamento do significante.

Em *Matemas I*, Miller⁹ parece dar conta dessa posição saussuriana e lacaniana frente à construção de uma teoria da língua:

"A primeira consequência que o próprio Saussure deduz é que a língua não é uma substância. Mas o que pode ser isso exatamente, diferenças sem termo positivo? Trata-se da mesma questão que a seguinte: o que é um significante? A definição lacaniana do significante, 'um significante representa o sujeito para outro significante' é manifestamente apenas um círculo vicioso. É que não se pode definir *um* significante mas, pelo menos dois, S1 e S2; é o mínimo para se fazer uma diferença. Esta definição do significante pode portanto ser dita, exatamente, *aconceitual*. Trata-se da definição de um termo que não permite que se feche a mão sobre ele. Acrescento: no discurso de Lacan, não há um termo que não seja definido assim - a mão de Zenão permanece aberta, os dedos simplesmente dobrados." (1996, p.64)

É aqui enfim que se encontram Lingüística e Psicanálise: nessa ordem própria da língua. Contudo, se houver possibilidade de relação entre estas áreas, pelo que sabemos do funcionamento do real, não será sem tensão.

É claro que a ordem própria da língua é uma elaboração teórica, e é disso que se trata aqui: da elaboração teórica produzida numa relação de leituras: Lacan leu Saussure freudianamente e a partir daí se deu a elaboração que alcançou uma materialização na escrita. Freud, ao ouvir as históricas, pôde sustentar que naquela verbalização se produzia a cura, não uma verbalização qualquer, tratava-se de uma palavra que nunca fora dita e em cujo lugar havia se formado o sintoma.

Havia, naquelas falas, algo organizador, capaz de possibilitar a formação de um sintoma ou suprimi-lo a partir do outro, mas não de um outro qualquer; a transferência aqui possibilitará e definirá o trabalho. Saussure formalizou o seu objeto de estudo e postulou para ele uma

⁹ - J.A.Miller. *Matemas I*. Trad.: Sérgio Laia - Jorge Zahar Ed.; Rio de Janeiro; 1996.

ordem; entretanto, dessa ordem não se esperava a emergência de um saber ou de um sujeito do desejo.

O lugar de onde organizamos o conceito de língua têm aí as suas raízes, é uma filiação lacaniana no que essa resgata em Freud e Saussure a densidade da palavra. Uma palavra só teria tal importância se considerada na sua dependência de um sistema, de uma ordem própria da língua que funcionasse.

Esse sistema funciona num regime de universalidade, ou seja, para todo e qualquer um; entretanto, o seu efeito produz singularidade, ou o sujeito do desejo. Essa sua ordem faz com que o sujeito enquanto esteja falando não saiba o que está dizendo. É esta a especificidade da releitura lacaniana da barra que divide o significante e o significado saussuriano. A espessura dada à barra cumpre a função de, a partir de Lacan, comunicar a inacessibilidade do significado pelo significante, há aí uma especificidade da ordem própria da língua.

Que os seres humanos possam se entender a partir da língua e de suas significações não é o que colocamos em dúvida aqui, tampouco esse recurso da língua adquire para nós estatuto de uma ordem própria; essa ordem de comunicabilidade depende da cultura, de regionalismos, da língua que se fala. quanto à ordem própria que tentamos isolar, é aquela que representa **o sujeito** e não algo de um falante para outro. Mais do que representar, essa ordem delata o sujeito, porque quando ele diz ele não sabe que se disse. Aí acaba a função do lingüista, separar esta ordem de tantas outras, delinear-lá, falar de seus efeitos para a teoria; mas a escuta desse sujeito, a identificação da escrita do discurso que representa um sujeito que não sabe desse comparecimento, é especificidade de um psicanalista no que este sabe da transferência.

Nesta concepção de língua, há dificuldades de em se empreender um trabalho como analista do discurso no sentido que a academia tem acolhido: um lingüista que se debruce sobre discursos e deles possa descobrir os sentidos ocultos¹¹. Supomos que haja realmente sentidos entrelaçados, sentidos que possam ser desnaturalizados nas produções discursivas, tal fato nos parece evidente. Mas uma desnaturalização ou identificação de determinada formação discursiva não é da mesma natureza que teorizar acerca do funcionamento da língua a partir do construto teórico do inconsciente. O inconsciente, no seu funcionamento, assim como a língua, pressupõe uma singularidade, no dizer de Lacan: “O inconsciente se estrutura como uma linguagem”, ou um sistema que funciona na pura diferença, como diria Saussure. Parece-nos que nenhum discordaria de que a singularidade e a pura diferença são duas instâncias de uma ordem própria da língua. A ordem simbólica, enquanto estrutura inconsciente ou articulação dos elementos que compõem esse funcionamento, implica o plano da singularidade que só pode ser identificado numa situação de transferência, porque essa singularidade chama-se desejo.

É de desejo o tecido da língua. Um desejo que da mesma ordem que o sexual, é inconfessável socialmente; que da mesma ordem das pulsões, é responsável pelo mal estar na civilização e, não obstante, desliza pelos significantes metonimicamente, incessantemente, atestando que ao sujeito acossa uma falta estrutural que lhe permite seguir adiante buscando o que a linguagem, ao constitui-lo usurpou-lhe: o acesso ao objeto perdido de uma satisfação mítica.

Esse funcionamento tem outra especificidade que o gramatical, que o ideológico, que o social. Nesse ponto, considerando a ética do Real, isolamos a tarefa do lingüista: determinar qual a especificidade

¹¹ - Reconhecemos a generalidade dessa afirmação indicando que há entre os analistas do discurso aqueles que privilegiam o estudo da língua quanto ao seu funcionamento.

desse funcionamento. A Lingüística, almejamos te-lo indicado até aqui, tem aberta a possibilidade de diálogo com a Psicanálise pelo que essa permite depreender do funcionamento da língua a partir da importância dada a palavra desde as elaborações freudianas.

Entretanto, não se pode deixar de perceber que, se há essa possibilidade de diálogo, também é de se esperar que ele seja minimamente tenso. Porque, se por um lado a língua é uma questão para ambas; por outro lado, essa questão não se dá da mesma forma. A lingüística, capaz que foi de postular uma ordem própria da língua, só pode operar sobre essa ordem excluindo o sujeito que comporta o real. A psicanálise, entretanto, opera nessa relação com o real, no ponto que escapa ao calculável. Na língua, a exclusão desse ponto que desestabiliza o discurso é condição para a ciência lingüística, tal como a lingüística se estabeleceu; no entanto, esse ponto, que gera o equívoco, o ato falho, o chiste, os sonhos é justamente o tesouro da psicanálise, é onde se sustenta a sua teoria e a sua prática.

A relação entre lingüística e psicanálise estaria marcada senão por uma tensão, por uma impossibilidade.

2- A Lingüística e uma certa relação com a ciência

"La linguistique de plus importune, sans qu'on doive d'ailleurs en être surpris. Il suffit de rappeler Freud et ce qu'il avançait du narcissisme blessé: l'astronomie copernicienne, disait-il, et la psychanalyse ont ceci de commun qu'elles attentent au narcissisme, la première délogeant l'homme du centre de l'univers, la seconde lui dérobant la maîtrise de son psychisme. Il n'est pas malaisé d'apercevoir qu'il en va de même pour le point de vue grammatical ou linguistique: s'attacher à la langue comme telle, y reconnaître les facettes d'un réel, c'est, quant à l'expérience des personnes, dire aux sujets parlants qu'il est, dans la langue et dans toute locution, quelque chose dont ils ne sont ni maître ni responsables." (Milner, 1978, p.125)

Embora a Lingüística, para se constituir enquanto ciência, tenha se curvado aos conceitos de ciência do início do século, algumas tendências dessa área de pesquisa têm tomado outros rumos. O que em determinado momento foi necessidade para que a Lingüística fosse reconhecida como ciência, a exclusão do sujeito, acabou por tornar-se um incômodo. Assim, há um sujeito excluído que retoma por várias outras vias. Essas vias podem ser denominadas *sócio lingüística* ou *psico lingüística*; entretanto, não são as únicas, visto que a própria negação de determinada noção de sujeito, deixa por vezes entrever outra ou outras noções de sujeito. Isto posto, estou afirmando que há, a priori, um sujeito, ou uma noção de sujeito implicada na Lingüística, seja pela sua inclusão ou pela exclusão.

Para um melhor entendimento do lugar que ocupamos na produção deste trabalho, achamos necessário indicar a opção de trabalharmos com a tensão entre as duas noções de sujeito postuladas pelas áreas que são aqui colocadas em jogo para esta reflexão: Filosofia

e Psicanálise. Quanto a Filosofia, consideramo-la mais precisamente através da lógica moderna que dá sustentação ao conceito cartesiano de sujeito, isto é, o sujeito todo consciente, consciente de si. Tal postulado sobrevive de tentativas de suturar o seu ponto de apoio mais seguro fincado na lógica do terceiro excluído.

Essa noção de sujeito se faz necessária, neste momento, por ser a que dá sustentação à lingüística enquanto ciência e, portanto, norteia as reflexões sobre a língua em geral. Se a Filosofia livra-se de um questionamento sobre a verdade como causa, através da lógica do terceiro excluído¹⁰, é justamente com isso que a Psicanálise trabalha: com o sujeito suturado pela ciência.

Sendo assim, "(...) o discurso da ciência só se sustenta, na lógica, fazendo da verdade um jogo de valores, eludindo radicalmente toda a sua potência como dinâmica"¹¹ (p.84). Se a verdade para a psicanálise tem função de causa é preciso que se diga causa de quê. Trata-se de causa de desejo que, de toda forma, implica um sujeito.

Bem, cabe aqui trazermos mais especificamente a postura da Lingüística enquanto ciência; esta demanda uma relação com o uno, o indivisível, enfim, o todo como a única garantia possível de uma cientificidade apoiada no logos: "Penso logo sou". Considerava-se, a partir dessa proposição cartesiana, que o sujeito do conhecimento tinha uma

¹⁰ - A lógica é definida como ciência das leis do pensamento. Para aqueles que propõem essa definição existem três leis fundamentais, necessárias e suficientes para o desenvolvimento "correto" do pensamento. Essas leis receberam classicamente o nome de princípios. São três as leis fundamentais do pensamento:

- 1) o Princípio da Identidade: se P (uma proposição) é V (verdadeira) então P é V ;
- 2) o Princípio da Não-Contradição: se P (uma proposição) é V então P não é F (falso); e
- 3) o Princípio do Terceiro Excluído: P é ou V ou F e nenhuma outra possibilidade.

¹¹ - J. Lacan, *O Seminário - livro 17. O avesso da Psicanálise*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1992.

relação direta com a sua consciência, que era responsável por todo tipo de pensamento, e nisso residiria a garantia da ciência. Negligenciar essa garantia no momento em que a lingüística ingressa no rol das ciências humanas é, também, renunciar ao estatuto científico.

As reflexões sobre a linguagem, a partir dessa proposição, fizeram-se ao preço de uma sutura: a do sujeito do desejo. Enfim, fizeram-se ao preço de uma submissão às "Chicanas do todo", nomeadas por Milner (1978) e das quais falaremos no decorrer do trabalho. Sendo assim, acreditamos que a corrente da Lingüística moderna, o Estruturalismo, absteve-se de incluir o sujeito na estrutura e, se assim não fosse, seria preciso ceder ao preço do seu estatuto científico. Não era possível que uma área de conhecimento, no início do século, apontasse na palavra efeitos de uma divisão constituinte, e ainda assim requeresse sua inclusão no rol das ciências.

Quanto a isso Saussure já alertou ao especificar o seu objeto de pesquisa: de um lado, a língua, com o que a lingüística teria de se haver; de outro, a fala, essa que comporta o falante (que tem corpo) não lhe interessaria. Saussure excluiu o indivíduo na forma como era pensado na sua época.. Era essa a condição para a que a Lingüística fosse constituída enquanto ciência, seu objeto se personaliza a partir da exclusão do sujeito, o falante permaneceria do lado de fora; isto porque a ação humana é considerada como indeterminável. A gênese da Lingüística, portanto, já ocorre ao preço de um tamponamento do real.

Foi também a partir da construção de conceitos como o da arbitrariedade do signo, articulada à noção de língua enquanto um sistema, onde a própria língua, assim como os seus elementos, definem-se numa relação de pura diferença, que se legou a Saussure o título de precursor do Estruturalismo nas ciências humanas:

“Um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo(...) na língua só existem diferenças” (Saussure, 1973:139)

O pai da Lingüística está então vinculado, desde sempre, ao Estruturalismo; que pode ser lembrado, simplesmente, pela noção de sistema que é introduzida por Saussure. Entretanto, nas ciências humanas em geral, a Lingüística carrega o título de ciência piloto especialmente pela exclusão do sujeito do domínio da natureza, isto é, houve, a partir do movimento estruturalista, uma desnaturalização do sujeito, o que não equivale a incluir um outro sujeito na estrutura. Ao isolar a língua, o lingüista genebrino, embora pela via da negatividade, concede pelo menos um lugar ao sujeito: uma vez fora da natureza, ele se toma cultural. Este pressuposto pode ser depreendido da obra saussuriana a partir da obra de Claude Lévi Strauss, no momento em que ele vai à Lingüística em busca de um modelo de cientificidade para a Antropologia, e lá encontra o símbolo que vai criar um meio intermediário entre o homem e o ambiente natural e estabelecer para o ser humano uma ruptura com a pura existência biológica.

É preciso notar que trabalhamos com as conseqüências de uma das elaborações da obra saussuriana: “(...)a língua é um sistema que conhece somente a sua ordem própria” (*op. cit.*, p.31). Não desconhecemos as diversas vezes em que Saussure dá à língua uma condição social, seja quando a define enquanto objeto: “Ela (a língua) é a parte social da linguagem” (*op. cit.* p.22), ou quando se propõe a defini-la na sua relação com outros objetos que, segundo ele, constituem o conjunto dos fatos semiológicos: “(...)a língua constitui uma instituição social, mas ela se distingue por vários traços das outras instituições (...)”

(*op. cit.*, p.24); entretanto, procuramos isolar as questões referentes a essa *ordem própria* e, por ora, deixar de lado tanto Saussure, quando traz para a língua a sua dimensão social; quanto Lacan, quando afirma que "(...)o discurso faz liame social." Tirar as conseqüências de tais afirmações e articulá-las com a questão da *ordem própria* da língua trata-se, a nosso ver, de um trabalho importante e extenso a que não nos propomos neste momento.

A aproximação entre a Lingüística e outras áreas do saber como a Sociologia ou a Psicologia trouxe formas diferentes de defrontar-se com os efeitos do que ficou excluído: o sujeito. A Lingüística, acossada pelo mal estar causado pelo preço pago(o sujeito) por sua inclusão no rol das ciências, aproximou-se de tais áreas de conhecimento como que em busca de sustar um cheque.

Ou seja, lá onde Saussure deixou um lugar vazio; lá onde, a partir de uma ordem própria da língua, ele nos afirma que a língua não se reduz ao campo do individual ou do social, a lingüística, de uma maneira geral, daí se aproximou, não para entender Saussure, mas para reconciliá-lo com tais afastamentos. Como já dissemos a *psico-lingüística* e a *sócio-lingüística* são capazes de responder por essa aproximação.

Para além dessa aproximações, formalizadas pela *psico lingüística* e pela *sócio lingüística*, a teoria marxista trouxe o conceito de ideologia, que conferiu à língua uma materialidade, e mais, um não saber, que a noção de alienação pôde definir bem; Bakhtin e Pêcheux dão bem esta marca à Lingüística, Possibilitando, dessa forma, o retorno circunstanciado do que havia ficado de fora: o sujeito.

A questão que trazemos para discussão, neste momento, funda-se a partir da leitura de "L'Amour de la Langue", de Jean Claude Milner, em que ele enuncia a questão *O que é a língua se a Psicanálise existe?*

(1978, p.25). Considerando pertinentes as conseqüências que o autor tira dessa questão e percebendo que Milner atenta para uma teoria da ciência presente nas elaborações de Lacan, tese que ficará mais evidente em "A Obra Clara"¹², trago então à cena a questão: *o que é a Lingüística se a Psicanálise existe?*

Nesse deslocamento da questão, do objeto para a ciência que dele se ocupa, presentificamos a nossa preocupação com o chamado "rigor" dos trabalhos acadêmicos. Isto porque o objeto tende a oferecer-se sobredeterminado a partir de uma teoria do inconsciente; sendo assim, parece-nos importante bastear o que esse objeto nos oferece, nessa perspectiva, como limite e como horizonte de trabalho, sem, no entanto, abandonar o "rigor", ou seja, não é porque tudo não se diz, ou porque o sentido vem do Outro, que se pode dizer qualquer coisa. A Psicanálise nos oferece condições e limitações para refletirmos à respeito da língua, no domínio da Lingüística, mas essa oferta não é sem conseqüências para o conceito de ciência que sustenta a Lingüística.

Esta reflexão, como se vê, não nos deixa escapar a uma preocupação com a definição de ciência que está implicada na forma como se aborda o objeto de estudo e que, por conseguinte, estabelecerá alguns parâmetros éticos para o procedimento utilizado por um lingüista em sua pesquisa; o que, de certa maneira, pode ter a possibilidade de vir a produzir efeitos sobre o ensino de línguas, visto que a relação do homem com a sua palavra toma outras nuances.

¹² - Jean Claude Milner. *A Obra Clara*; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996.

2.1-O sujeito como questão: a ciência e o inconsciente.

“Para introduzir um discurso científico concernente ao saber, é preciso interrogar o saber aonde ele está. Esse saber, na medida em que é no antro da língua que ele repousa, quer dizer *o inconsciente*. O inconsciente, eu não entro nele, não mais do que Newton, sem hipótese.” (Lacan, Sem.20, p.194)

A possibilidade de aceder ao estatuto científico, como vimos, chegou-nos pelo passo de Saussure ao formalizar o objeto de estudo, a língua, e atribuir-lhe uma ordem própria; entretanto, o caminho trilhado pela Lingüística, enquanto ciência, estava determinado por seus avatares.

Sendo assim, a relação da Lingüística com a ciência depende do que se compreende por *saber*, e a ciência moderna, por sua vez, parece depender do conceito de *saber* estabelecido na dialética hegeliana. Essa é uma forma possível estabelecer uma certa relação entre a Lingüística e a ciência, mas também entendemos que algumas formulações lacanianas podem iluminar um outro juízo sobre a ciência, tal compreensão poderá ser formulada justamente a partir de um certo conceito de língua.

Para que possa ficar mais clara esta relação entre a Lingüística e o saber, bem como esse outro entendimento de ciência, procuraremos fazer notar, sucintamente, por quais caminhos se encontram Lacan e Hegel.

É necessário, portanto, procurar entender por que Lacan traz Hegel para a discussão que empreende acerca da teoria do

conhecimento. Iniciaremos por mostrar a quem Lacan responde na sua leitura de Freud:

“Por a supremacia e não a subordinação do sentido enquanto causa eficiente é aparentemente negar os princípios da ciência moderna. Com efeito, para a ciência positiva à qual pertencem os mestres de Freud (...), toda dinâmica do sentido é por petição de princípio, negligenciável, fundamentalmente superestrutura. Portanto é uma revolução a ciência que Freud trouxe, se esta tem o valor que ele pretende.” (Lacan, Seminário 3; p. 267).

Vemos que Lacan encontra em Freud o germe da subversão da ciência moderna cujos postulados gerais são atribuídos a Hegel. Assim, ao discutir o estatuto da ciência moderna, Lacan vai até Hegel, cujo pensamento não pretendemos explorar aqui de uma forma mais aprofundada; entretanto, traremos para a discussão algumas das suas proposições básicas, no intento de oferecer ao leitor as condições de prosseguir conosco numa tentativa de historiar uma relação entre a ciência moderna e os postulados que pressupõem a sua subversão, a fim de possibilitar esta pequena reflexão sobre a Lingüística.

Sendo assim, a Filosofia é tratada aqui como área do conhecimento que se ocupa das teorias do sujeito que sustentam a noção de ciência moderna; a Lingüística, enquanto a ciência que se ocupa do objeto que introduz, na nossa perspectiva, uma subversão para a ciência: a saber, a língua; e a Psicanálise, como o que possibilita pensar esta subversão.

O conceito de conhecimento como nos vem pela Filosofia, ou seja, da forma como a Lingüística o herdou, mais precisamente o conceito de conhecimento de uma certa Filosofia, a que elegemos nesse momento para o nosso exame, sustenta-se na estratégia de apreensão do objeto pelo sujeito, através do conhecimento. Quanto a esse

conhecimento que rege a ciência moderna, já o dissemos, Hegel tem a palavra.

Ao escrever a introdução à “Fenomenologia do Espírito” Hegel anuncia que tinha como plano a Fenomenologia.¹³ A Fenomenologia como a ciência da experiência da consciência, ou *do caminho da consciência para a ciência*¹⁴.

Há, para Hegel, uma categoria considerada apriorística em sua obra, a do absoluto. Esta categoria, não foi Hegel quem a introduziu na Filosofia, ela é parte da tradição filosófica e seu conceito depende do seu uso em determinadas épocas, por determinados filósofos; quando se trata de Hegel o conceito de absoluto parece estar diretamente relacionado ao Espírito. Este absoluto parece ser o objetivo de Hegel na sua empreitada: o conhecimento que para Hegel se alinha ao saber ao qual devota o seu trabalho: “Pesquisamos a verdade do saber, pesquisamos ao que parece o que ele(o saber) é em si,”(*op. cit.*, p. 51)

Para Hegel entre o conhecer, ou o saber, e o absoluto há uma linha divisória, ou seja, trata-se para Hegel, em seu trabalho, da experiência da consciência em tornar-se outra; este percurso da Fenomenologia será chamado então para Hegel de dialética. Uma dialética que leva ao saber absoluto. Uma dialética que atribui ao saber uma ação modificadora da consciência.

¹³ -Hegel chama “Fenomenologia do Espírito” à ciência que mostra a sucessão das diferentes formas ou fenômenos da consciência até chegar ao saber absoluto. A fenomenologia do espírito representa, segundo ele, a introdução ao sistema total da ciência: a fenomenologia apresenta o “devir da ciência em geral ou do saber”, in J.F.Mora, *Dicionário de Filosofia*, Martins Fontes; São Paulo 1994; p.289.

¹⁴ -Conf. nota do tradutor p.45 apud.Fenomenologia do Espírito *op. cit.*

Vê-se que o conhecimento que funda a ciência moderna traz em si o germe do todo, assim como a referência obrigatória à consciência e à razão, motivo pelo qual trouxemos estas referências à Filosofia.

Os postulados hegelianos que sustentam a ciência até um determinado momento da nossa história, e que, em grande parte, estão presentes de forma integral na chamada ciência universitária (lugar em que está inserido o nosso trabalho), baseiam-se, principalmente, na supremacia da razão: o conhecimento só se atinge pela razão. Segundo Lacan, a Fenomenologia hegeliana tem por objetivo marcar uma solução ideal através de um revisionismo permanente. Este traria a verdade em reabsorção constante no que ela tem de perturbador. Aí então estaria instalada a dialética que deveria convergir para alcançar a conjuntura definida como saber absoluto. Ao que se lê que o sujeito, hipótese fundamental de todo esse processo, é um sujeito acabado em sua identidade consigo mesmo, ele é o *Selbstewusstsein*¹⁵ - o ser de si consciente, todo consciente.

A subversão da ciência moderna encontra o seu germe na leitura de Freud, e nas conseqüências que dali pôde tirar Lacan, cuja obra oferece vários lugares de reflexão a esse respeito. Entretanto, para este momento do nosso trabalho, procuramos abordar, especialmente, o texto "A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano"¹⁶; comunicação feita pelo autor no congresso "Colóquios filosóficos internacionais", em Royaumont, e que se realizou em setembro de 1960.

¹⁵ - Selbst: auto; Bewusstsein: consciência no sentido cognitivo, ou "estar ciente"

¹⁶ - Jacques Lacan. "A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" *Escritos*, São Paulo Editora Perspectiva, 1988 - p.275-311.

Os interlocutores dessa comunicação dão a medida da inserção filosófica no texto e na nossa proposta de trabalho; entretanto, não é dela (a Filosofia) que nos ocupamos, o que procuramos fazer aqui é, aproximadamente, um pequeno retorno ao que nos constitui (a Lingüística) enquanto campo de saber que depende de uma teoria do conhecimento já constituída e que, por sua vez, depende da Filosofia:

"Pois essa excursão escatológica não está aí senão para designar de qual hiância se separam, a freudiana da hegeliana, essas duas relações do sujeito com o saber." (Lacan, Escritos, p.285)

Entretanto, o *saber*, do qual a Psicanálise nos informa e que orienta as nossas reflexões, indica uma direção muito diferente daquela para a qual nos levam os pressupostos de *conhecimento* e *saber* na Filosofia.

Se, em Hegel, para que a verdade seja imanente à realização do saber, é preciso que o sujeito esteja ligado ao antigo conhecimento, ou seja, a razão é garantia para que o sujeito, desde a origem até o fim, saiba o que quer; para Lacan, a verdade é justamente o que falta à realização do saber, ou seja "A verdade não é mais do que aquilo do qual o saber não pode aprender que ele o sabe senão ao fazer agir a sua ignorância." (Lacan, Escritos, p. 280). Vê-se então que o saber, tal como vem da Psicanálise, não coincide com o saber (conhecimento) da Filosofia, justamente pela radicalidade com que se toma a teoria do inconsciente. Se para a Filosofia hegeliana o primado era o da razão, para a Psicanálise, o que define um saber é o que se dá nessa outra cena articulada desde o inconsciente. Este se articula como uma cadeia de significantes que nessa outra cena se repete e insiste para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso. É assim que o saber é da ordem

do equívoco, da verdade do sujeito, do que ele de si ignora mas faz saber ao falar.

A Lingüística enquanto ciência, determinada pelos pressupostos da ciência moderna, se aceitasse a interrogação sobre o real da língua, sofreria um abalo provocado pelo seu objeto mesmo de conhecimento. Abalo esse que se resumiria em retirar de qualquer produção humana uma garantia unicamente racional, ou seja, o que se vê dessa produção seriam sempre efeitos de uma outra cena. Este abalo teria sido pensado fora da Lingüística, pela Psicanálise. A nossa proposta é não ignorá-lo, mas tirar conseqüências dele. Esse reconhecimento, que nós introduzimos aqui como pertinente, só é possível evidenciá-lo tendo no horizonte a Filosofia que possibilitou uma determinada concepção de ciência, campo em que se abriga a Lingüística, para então operarmos um retorno a esta com o objetivo de entregar-lhe um autêntico presente de grego¹⁷: **o sujeito**, mas dividido!

A Psicanálise enquanto práxis tem ensinado que, para o sujeito, haver-se com o seu desejo é uma experiência da qual não se espera conforto. Nem por isso se espera que da experiência analítica se anseie tão somente pelo desconforto, senão qual o seu propósito? O que fazer com esse desconforto que o desejo instala? Trata-se, tão somente, da difícil tarefa de usar a energia que estaria ocupada em recalá-lo para do desejo tirar as conseqüências.

É o desejo um presente de grego também, mas com a possibilidade de consumir as suas energias para usar os guerreiros do interior do cavalo de Tróia a favor do presenteado, se me permitem a analogia, ao invés de consumir as suas energias com o objetivo de

¹⁷- Para lembrarmos da ciência o seu lugar de origem, se considerarmos o seu nascimento nas matemáticas gregas.

mantê-los do lado de fora de Tróia. Em outras palavras, o conflito pode ser simbolizado e, portanto, aparecerá então, em seu lugar, uma possibilidade de solução, uma alternativa de saída, uma estratégia de resolução.

Trazer para a ciência a dimensão do desejo, mais especificamente do desejo inconsciente é o que constitui, tal como coloca Lacan, a subversão da ciência moderna. Subversão esta que se sustenta, inicialmente, por uma subversão do sujeito: este não sabe o que diz. Ou melhor, o regente, o maestro, da sua produção linguageira, está em outra cena. Nesse caso, a objetividade das ciências poderia ser interrogada, pelo menos na lingüística, já que é seu próprio objeto, a língua, que introduz a diferença.

A potência interrogativa colocada pelo construto teórico do inconsciente é pensada em contraposição ao que podemos depreender de um ideal científico, na condição que forjamos aqui, ou seja, uma ciência que pensa os fatos como o que se dá no real, fora da linguagem; nesse sentido, parece que quanto às teorias da linguagem, ainda não saímos do que se postulava no final do século passado: a língua representa o pensamento,

"(...)eis-nos portanto conduzidos a essa fronteira sensível da verdade e do saber da qual, afinal de contas, pode-se dizer que a nossa ciência, num primeiro contato, parece bem ter retomado a solução de fechá-la." (Lacan, 1966, p.280)

Os pilares de uma teoria da ciência, os conceitos de sujeito e de saber, são construídos com cuidado a fim de sustentar a ciência enquanto teoria, mas também na sua produção. São estes pilares erguidos por Hegel e sustentados por inúmeros cientistas da

modernidade que Lacan escolhe para contrapor, e assim evidenciar, a teoria do inconsciente de Freud. Justamente porque a formulação freudiana permite uma elaboração outra do sujeito e do saber.

Até aqui procuramos esboçar as relações entre ciência moderna e os postulados que pressupõem a sua subversão, vimos que o que sustenta esta relação, que se dá sobre um abismo, são as bases da ciência: os conceitos de sujeito e saber. Assim Lacan circunscreveu uma área de conflito na ciência: de um lado o *Selbstwusstsein*¹⁸; de outro o *Unbewusste*. O primeiro garante a Hegel a sua teoria do conhecimento, o segundo garante proposta de subversão do sujeito de Lacan.

O nosso objetivo neste momento, é estabelecer uma diferenciação mínima entre saber e conhecimento, entre sujeito e indivíduo, a fim de se saber que esta terminologia, que definiu as condições da ciência num determinado momento, não tem a mesma significação na Filosofia e na Psicanálise; portanto, transpô-los para a Lingüística sem marcar as devidas diferenças, poderá impossibilitar um entendimento do nosso trabalho.

¹⁸ - Respectivamente, *con(ciente)* de si e *inconsciente*, sem que estes termos respondam por uma oposição.

2.3- O Sujeito e a Ciência: a falta como condição do desejo

"Nenhuma relação de um sujeito com outro sujeito, ou de um sujeito com o objeto preenche a falta, a não ser por uma formação imaginária que a sutura, mas ela volta a se encontrar em seu interior" (Miller, 1996; p.16).

Naturalmente, as investigações científicas percorrem caminhos que lhes imputam modificações, seja por novas descobertas ou por outras elaborações de modelos ou teorias. Entretanto, no cenário das investigações lingüísticas, se reconhecermos nos estudos da língua essa potência interrogativa que nos vem por uma teoria psicanalítica²¹, será necessário ser conseqüente também com a noção de ciência que, até então, é corrente como base de formulação das nossas teorias. Isto porque a Psicanálise introduz na discussão a noção de sujeito.

Essa noção, para a Lingüística, é importada da Filosofia²² e sustenta-se no primado da razão; entretanto, para a Psicanálise, é a partir da teoria do inconsciente que se fundamenta a noção de sujeito. Assim, dessas posições decorre que, para a Psicanálise, o saber está no domínio do inconsciente; enquanto que, para a Filosofia, o sujeito é ciente de si, todo consciente.

²¹ - Quando nos referimos a uma teoria psicanalítica, é a uma teoria específica: a lacaniana, ou seja, uma teoria que teve como fundador o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981).

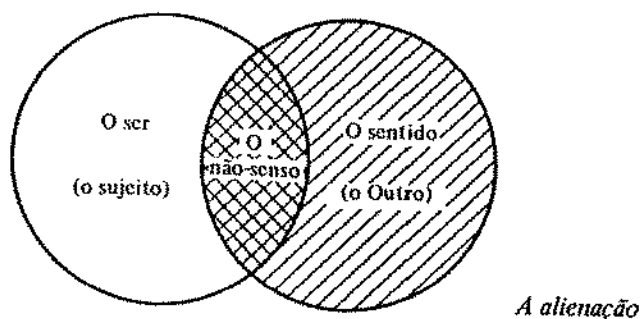
²² - Buscamos nesse trabalho a Filosofia circunstanciando um momento específico, o de fundação da Lingüística enquanto ciência, bem como a radicalidade da relação sujeito/consciência na produção de conhecimento. Embora seja do nosso conhecimento que na própria Filosofia esse conceito é discutido assim como a Lingüística também se vê afetada por elaborações pós Saussurianas que redefinem essa relação do sujeito com o conhecimento.

Para a teoria lacaniana, o que interessa é esse sujeito excluído pela ciência. O sujeito é aqui esse efeito da palavra que, ao dizer mais que o esperado, acaba revelando um desejo do qual não se tinha notícia anteriormente.

Essa noção de sujeito, que para Lacan não deixou de ter conseqüências para ciência uma vez que esta depende da escrita para se realizar, fundou-se a partir da prática psicanalítica, articulada com uma produção teórica. Essa articulação possibilitou formular uma teoria em que o sujeito só funciona como falta, por ser do Outro que ele recebe sua mensagem e por ser por ele que o sujeito se constitui. Esse Outro, além de ser o lugar da fala, "(...)não se impõe menos como lugar da verdade" (Lacan, Seminário 20, 1985).

Segundo Lacan, o Outro é o lugar em que se situa a cadeia de significantes que comanda tudo o que vai poder presentificar-se do sujeito; sendo assim, tudo surge da estrutura do significante e engendra um processo de circularidade entre o sujeito e o Outro.

Nessa relação, entre o sujeito e o Outro, duas operações podem ser articuladas: a alienação e a separação; dessas, deter-nos-emos mais na primeira que tentaremos explicar através do recurso a figuras, ou a uma topologia, como o fez Lacan no Seminário 11:



O que se percebe por esse recurso é que há nessa reunião de dois elementos, o ser e o sentido, uma parte que é comum a cada um deles, e é

essa parte que realiza o que Lacan chama de *vel da alienação*, isto é, qualquer que seja a escolha que se opere, há por conseqüência nem um nem outro. Se escolhermos o sujeito, é a parte que é comum ao sentido e depende do Outro que lhe é decepada; se escolhermos o sentido, a parte comum ao sujeito deixa de lhe pertencer. Sendo assim, há um *vel*²⁰ alienante no ser ou no sentido. Porque há uma anterioridade da linguagem em relação ao sujeito, este não se faz a não ser pelo discurso do Outro.

Em suma, o sujeito não é todo e está sempre submetido a não haver sujeito sem que haja, em alguma parte, sua afânise; e é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito²¹, ou seja, há o impossível de dizer, embora, segundo Milner, para nomear este todo, a língua proponha significantes. Temos então no discurso a presentificação do sujeito afanizado. É nesse sentido que Milner (1978) aponta para uma intromissão²² do sujeito do desejo no sujeito da ciência. O sujeito da ciência, aqui entendido como o sujeito cartesiano submisso às regras que regem a lógica clássica: identidade, não contradição e terceiro excluído, é o sujeito do desejo, aquele do qual nós vemos unicamente os efeitos, cujos laços que o produzem se enodam sobre uma outra cena.

Vejam que, aparentemente, temos uma contradição: se é do sujeito excluído pela ciência que se ocupa a psicanálise, como podemos dizer que a elaboração lacaniana almeja atingir um *estatuto de ciência*?

²⁰ - Vel: conjunção disjuntiva latina, excludente, que não admite simultaneidade.

²¹ - J. Lacan. O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro 1985.

²² - *intro-imissão*, ou seja, *intro*: movimento para dentro e, *imissão*: ação de misturar-se.

É o próprio Lacan quem nos traz esta resposta:

"Por eso era importante promover primero, y como un hecho que debe distinguirse de la cuestión de saber si el psicoanálisis es una ciencia (si su campo es científico), esse hecho precisamente de que su praxis no implica otro sujeto sino el de la ciencia" (Escritos 2, 1988 p.842).

Tirar as conseqüências dessa afirmação implica, ao nosso ver, uma busca do que vem a ser fundamental para a Lingüística enquanto ciência: a noção de Estrutura e a exclusão do sujeito; e para a Psicanálise: a noção de inconsciente tal como enunciada por Lacan, o *inconsciente se estrutura como uma linguagem*, no que essa elaboração pode ter de próxima em relação a Saussure; seja pela homologia, seja pela subversão da noção de Estrutura. Nas palavras do próprio Lacan: "Se a Psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (1985:193).

Vamos nos deter, por um momento, na obra saussuriana, não para lhe examinar o conceito de estrutura, tarefa de que nos ocuparemos mais adiante, tampouco para buscar um lugar que nos permita entrever um sujeito; mas para pôr em relevância momentos em que o Curso oferece pistas para pensarmos o sujeito tal qual Lacan o apresenta.

No capítulo IV do Curso, mais especificamente na primeira parte, Saussure trabalha uma noção de língua como pensamento organizado na matéria fônica e, a partir daí, traz a necessidade de segmentações como condição para que seja possível uma análise Lingüística. Ao procedermos a uma leitura mais atenta podemos notar que o lingüista genebrino, ao apontar essa necessidade de segmentações, não deixa claro um critério para fazê-las, ou, uma forma de discernir onde se dá na língua o lugar de tais segmentações.

Pensamos então, com Ducrot, que:

"(...)independente dessa junção da idéia e do som em 'unidades concretas' conjuntamente dotadas de uma expressão e de um conteúdo, a segmentação do enunciado é um puro jogo de espírito, suscetível, no melhor dos casos, de provar a sutileza do lingüista"(1968, p.60)"Ou, se preferir, há a impossibilidade de encontrar, nesse universo, fronteiras naturais que delimitem exatamente as zonas fônicas e semânticas encobertas pelos significantes de uma linguagem dada. Nenhuma classificação exterior pode, pois, permitir decidir se dois sons pertencem ou não ao mesmo signo. A Lingüística está condenada, desde o começo, a se fazer a si mesma" (op. cit., p.71).

Ducrot não parece ser o único a escolher esse meio de reflexão acerca da obra saussuriana, e nos sentimos tentados, neste momento, a fazer uma aproximação com o texto de Milner, "L'Amour de la Langue", especialmente no capítulo "*Un linguiste désirant*", em que ele, ao falar das escolhas acerca do que é essencial para a Lingüística, afirma: "Tout se ramène à une question: d'où vient qu'il y ait du discernable? Ce qui revient à celle-ci: d'ou vient que'on puisse penser la répétition et la non-répétition?" (p.85). Ou mesmo quando se propõe a pensar a contribuição de Saussure como um investimento mais importante: "(...)non pas simplement les fondements d'une science, mais le cernage d'un mode d'être, jusque-là inédit."(p.85)

Este jogo de citações sobre a obra saussuriana é trazido aqui para deixá-los entrever uma qualidade na ordem própria da língua que é a de provocar o lingüista; seja pelas palavras de Ducrot, ao falar da *sutileza do lingüista*; seja por Milner, ao falar de *um modo de ser inédito*. Nesse capítulo em que trata de Saussure como um lingüista desejante, Milner atenta para um movimento do lingüista no sentido em que a língua evoca o sujeito do desejo, ou seja, os anagramas provocaram Saussure a ponto de que uma singularidade pudesse ser destacada, uma insistência pudesse ser reconhecida.

Essas colocações de Milner e Ducrot nos permitem inferir, minimamente, uma consequência: o lingüista é provocado pela língua, ele (o lingüista) não vai ao objeto (a língua) e lá encontra somente um objeto inanimado a ser pesquisado, encontra também uma forma de trabalhar que lhe é oferecida por esse objeto serpenteante. A língua suscita então, o estilo, o desejo do lingüista.

Esta questão parece trazer, através da Lingüística, uma demanda de se pensar a relação entre homem e língua, para além de se poder deduzir, ingenuamente, que o próprio Saussure tenha postulado para a língua uma função simplesmente, de comunicação e daí tirar as consequências possíveis para uma noção de ciência.

Trouxemos aqui opiniões de lingüistas de linhas teóricas muito distintas: Ducrot, um teórico da enunciação, embora tenhamos privilegiado as suas opiniões como historiador da Lingüística; e Milner, um sintaticista, cujas opiniões refletem uma certa relação com a Psicanálise. Também cronologicamente distantes quanto à época em que emitiram tais opiniões: o primeiro em 1968, e o segundo, em 1978. Quanto a essas diferenças é preciso dizer que Milner tem toda uma produção que sustenta as citações que escolhemos; quanto a Ducrot, escolhemos opiniões suas que não têm um encaminhamento na sua obra, pelo menos neste momento em que escreve sobre Lingüística e Estruturalismo. Entretanto, parece-nos particularmente interessante notar que, nesse momento, quase duas décadas antes de Milner escrever "L'Amour de la Langue", Ducrot, que não estava interessado na articulação entre a Lingüística e a Psicanálise, ou mesmo em apontar para um mais além da obra saussuriana, objetivo explícito de Milner, pôde notar na obra saussureana pelo menos uma indicação de sujeito, uma centelha do desejo do lingüista.

A Lingüística, como procuramos dar mostras até aqui, não se viu afetada pela noção de inconsciente, nem de súbito e nem por acaso. No

momento mesmo da sua fundação, Saussure fez saber que a divisão, agora clássica, entre "langue" e "parole" era necessária, pois a segunda é da ordem da ação humana e é considerada por ele como indeterminada. Ao fazer essa divisão, Saussure deixou para a língua uma *ordem própria* que não era, pois, passível de sofrer interferência do indivíduo ou do social, ou seja, o signo assim escrito  tem para Saussure uma ordem própria: "O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; **é porém o que menos aparece à primeira vista**"(Curso; p.25, grifo nosso).

Entretanto, se Saussure é reconhecido por excluir o sujeito e assim fundar o Estruturalismo; Wahl, in *Estruturalismo e Filosofia*²³ atenta para o que chama de uma subversão, para além do Estruturalismo, operada por Lacan. Na verdade, ele dá conta do sujeito presente na estrutura como a originalidade da teoria lacaniana. Wahl é aqui particularmente importante porque Lacan, na sua obra, não chegou a falar da sua adesão ao Estruturalismo por via da inclusão do sujeito na estrutura. Quem pôde depreender tal consequência da sua obra foi Wahl.

Essa subversão se dá, segundo ele, "por um duplo rebate: o rebate do problema da estruturação do **sujeito** para o interior das estruturas da **linguagem** (a letra precede o sujeito), e o rebate do problema da estruturação da **linguagem** para o interior das estruturas do **significante** (a letra precede o sentido)"(op. cit., p.116).

Não surpreende Lacan ter podido ler em Saussure uma possibilidade de diálogo com a Psicanálise, pois embora a maioria das abordagens lacanianas de Saussure fossem baseadas no Curso, o trabalho dos anagramas já indicava um caminho para as questões do

²³ - F. Wahl. *Estruturalismo e Filosofia*; Ed.Cultrix, São Paulo, 1968.

mestre, questões que seus alunos não puderam ouvir no Curso e que Lacan, a partir da leitura de Freud, pôde escutar:

“A análise veio nos anunciar que há saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante como tal. Um sonho, isso não introduz a nenhuma experiência insondável, a nenhuma mística, isso se lê do que dele se diz, e que se poderá ir mais longe ao tomar seus equívocos no sentido mais anagramático do termo. É nesse ponto da linguagem que um Saussure se colocava a questão de saber se nos versos saturninos, onde ele encontrava as mais estranhas pontuações de escrita, isto era intencional ou não. É aí que Saussure espera por Freud. E é aí que se renova a questão do saber”(1985, Sem.20, p.129)

Estava então dada, por Saussure, a indicação fundamental: *a língua tem uma ordem própria*; o segundo passo foi dado por Lacan, a partir de Freud: *esta ordem é a ordem do significante*. Entretanto, segundo Milner (op.cit., pag.54), se do signo saussuriano não se sabia o que representava, Lacan foi mais longe na definição: *o que é representado de um significante para outro é o sujeito, e disso ele (o sujeito) não sabe*. É assim que Wahl (op.cit., p.116) pôde apontar que “É pelo mesmo passo que o sujeito acaba de perder a sua unidade, de se reconhecer dividido pela linguagem, e que na linguagem ele reconheceu lidar, não com a espessura do sentido, mas com a bateria do significante.”

Assim, com o mesmo movimento, Lacan, sustentado por Saussure e Freud, opera uma subversão, que terá suas conseqüências para a noção de ciência, em particular para aquela que tem como objeto a língua, visto que o sujeito não pode sustentar uma unidade, e essa divisão é operada, colocada em ato, pela linguagem mesma. A ciência que

“(…) elle ne s'accomplit que par des constructions d'écriture, et l'Univers qu'elle est censée décrire ou gouverner, c'est son salaire imaginaire: la vaine espérance que les écritures se combinent et prennent enfin signification pour quelqu'un - sujet universel ou Humanité” (Milner, 1978; p.73)

Quando nos referimos à ordem própria da língua, proclamada por Saussure, ou à sua afirmação de que o signo não é redutível ao social ou ao individual, estando aí o seu caráter essencial, vemos que o lingüista genebrino suspende dois tipos de sujeito: o psicológico e o social ou histórico. Entretanto, não podemos deixar de notar que, aí mesmo, ele deixou uma circularidade que ronda o ser e a língua, enunciada por Milner como: "Être, c'est être. Or, il n'est de nom que parlable: mais cela ne suppose-t-il pas qu'un être ait parlé? C'est dire que de l'être au parle, le cercle est incessant." (op cit, p.98, grifo nosso) ou ainda quando Milner é mais preciso e acrescenta:

"(...)le *Cours*, qui n'est, à le bien prendre, que l'exposition des conditions conceptuelles rendant possible la grammaire comparée, écarte la référence, isole le formel **et ouvre la possibilité d'une notation symbolique**" (op. cit., p.33);

esta possibilidade de uma notação simbólica, que não está assim escrita no Curso, pode-se perceber como sendo conseqüente com as afirmações ali presentes.

Saussure deixou aberta pelo menos uma possibilidade de subversão da sua teoria no ato mesmo da sua fundação; não foi repentinamente que Lacan pôde articular uma teoria em que o signo pudesse ser lido como $\frac{S}{A}$ dando à cadeia significante a primazia e, à barra, a espessura de uma impossibilidade. A própria exclusão que Saussure faz do sujeito, diz a Lacan o que esse sabe do significado.

Lacan, como aponta Wahl (op. cit.), opera uma subversão na noção de língua tal qual ela está estabelecida na Lingüística. Esse movimento, entretanto, foi sem a pretensão mesma de se fazer um teórico da Lingüística. Em suas palavras, no Seminário 20:

"Um dia percebi que era difícil não entrar na Lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto. Daí fiz algo que me parece, para dizer a verdade, a única objeção que eu pudesse formular ao que vocês possam ter ouvido outra dia da boca de Jakobson, isto é, que tudo que é da linguagem dependeria da Lingüística, quer dizer, em último

termo, do lingüista.(...)Mas se considerarmos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou sobre o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto lingüisteria. (...) **Meu dizer de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da Lingüística.**" (Lacan, 1985, p.25, grifo nosso).

Entretanto, não é difícil nos sentirmos tentados a dizer que Lacan tem fincado os pilares teóricos para a construção de uma noção de língua, submetida ao construto teórico do inconsciente, é claro. Mas é preciso lembrar que entre um e outro saberes, o da Psicanálise e o da Lingüística enquanto pertencente ao campo da ciência, há um hiato. Esse abismo, nos é colocado pela noção de falta, que se funda através do conceito lacaniano de que o sujeito se constitui na alteridade, isto é, de que há a necessidade de um Outro para que haja sujeito. É preciso lembrar que dessa diferença não se fala sem a devida articulação com a noção de real que tem a sua mais estreita relação com a noção de falta.

Portanto, o abismo de que falamos, o hiato, é justamente a falta, a impossibilidade do todo, a espessura da barra, ou a especificidade do conceito de estrutura em Lacan.

Trazemos de novo Milner (1978) que, em especial no capítulo "*As chicanas do todo*", acusa a ciência em geral de ingênua, quando parece que esta desde sempre se propôs a dar conta de um todo, e critica também a metodologia no que diz respeito à sua proposta de construir um trabalho "redondinho", ou de mostrar o todo através de fragmentos. Tal autor alerta para o fato de que apesar de os lingüistas terem escolhido os caminhos mais diversos e de essa diversidade gerar algumas vezes oposições virulentas, isso pouco importa; os lingüistas continuam, em nome da

ciência, a buscar mostrar o todo. Entretanto, é através da escrita que se realiza a ciência e, portanto, repetimos, instaura-se o que Milner chama de "a vã esperança de que as escritas se combinem e finalmente ganhem significações para algum sujeito universal ou para a humanidade."

Vemos então que a Psicanálise, ao servir-se da formalização da lingüística enquanto ciência, deu-lhe condições de interrogar-se sobre o seu objeto de estudo: a língua. Ou seja, o algoritmo que funda a lingüística $\frac{A}{S}$ é tomado por Lacan na sua potencialidade subversiva, ou enquanto uma formalização capaz de oferecer condições de pensar a língua a partir do construto teórico do inconsciente. Essa subversão pensada por Lacan, que pode ser notada simplesmente pelo seu aforisma: "*O sujeito quando diz, **não sabe** que se fala.*", pode retornar para a lingüística na sua potencialidade interrogativa.

3- Estruturalismo e Psicanálise

"A Psicanálise, por seu lado, estava desde sempre - como mostrou-o M.Safouan - e desde o primeiro gesto de Freud, grávida de uma ruptura com o sujeito unificado e a ordem da presença(...)" (Wahl; p.122)

Para falarmos de Estruturalismo e Psicanálise, partiremos inicialmente da obra de Safouan²⁴. Ao realizar este trabalho, guiaremos-nos pelo próprio índice da obra que nos aponta as duas instâncias fundamentais que cumpre visitar para se tratar do assunto: "o inconsciente" e "a castração".

Freud formula pela primeira vez a sua visão do inconsciente no "Projeto para uma Psicologia Científica"²⁵, em 1895, lugar em que anuncia dois processos: os ditos primários, em que descobre o que se pode chamar de "regime do inconsciente" e que são considerados como submetidos ao *princípio de prazer*; e os secundários, nos quais se efetua o funcionamento do *princípio de realidade*. O primeiro processo visa a uma identidade de percepção; o segundo, a uma identidade de pensamento.

Esses dois processos, longe de estarem isolados, interligam-se por um paradoxo: os processos primários ligam-se aos secundários, porque a percepção, segundo Freud, está do lado da consciência -

²⁴ - Moustafá Safouan. *Estruturalismo e Psicanálise*; Cultrix, São Paulo, 1970.

²⁵ - S.Freud, *Projeto para uma psicologia científica*(1895), Vol.I Obras Completas, Rio de Janeiro, Ed.Imago Ltda. p.347

portanto, os processos secundários é que comandarão os processos primários, dado que a consciência se encontra-se no funcionamento próprio dos processos secundários.

O pensamento, por sua vez, encontra no *Projeto* a hipótese fundamental de que é, por natureza, inconsciente; o pensamento é possível sem que nenhum “eu penso” intervenha, ou possa intervir retroativamente. Sendo assim, os processos de pensamento cairiam sob o domínio do princípio do prazer.

Além dessa interligação primeira, os dois processos ainda se relacionam, de forma que, o princípio de realidade, comandado pelos processos secundários, longe de opor-se ao princípio de prazer, comandado pelos processos primários, prolonga-o e até o preserva, garantindo-lhe a adaptação às exigências da realidade. Nesse sentido, seria o princípio do prazer o único a regular as ações humanas.

Todavia, cabe-nos definir o que faz com que esses processos sejam dois e não apenas um; em que eles, enfim, se opõem; qual a sua especificidade. O abismo que se coloca entre os dois princípios tem seus fundamentos em uma nova definição do objeto do desejo, em que é preciso considerá-lo na sua excentricidade radical com relação à consciência, assim como na sua distinção irreduzível com relação a qualquer objeto de necessidade.

Bem, a partir dessa noção de objeto, os processos primários visam a uma identidade de percepção que é necessariamente frustrada, o que sugere a idéia de que o que não se encontra na realidade perceptiva é o que se encontra (encontra aqui tem o significado de significar) no inconsciente. Sendo assim, há um além do princípio do prazer que se pode nomear desejo - e no inconsciente trata-se apenas do desejo, nada mais.

A partir de Freud, de suas teorias e experiências, podemos reconhecer que só a lei de interdição do incesto, ao funcionar no inconsciente como uma lei de castração, é que determina o acesso ao desejo genital ou ao objeto.

Tal observação nos leva a verificar na lei o princípio de realidade. Sendo assim, podemos pensar que o próprio desejo é a lei, ou seja, a excentricidade do desejo com relação à consciência e sua irreducibilidade à necessidade constituem, no fundo, uma única propriedade do desejo freudiano. Esse desejo, que tem as relações mais íntimas com a demanda que produz o pedido ou a fala, vem a autorizar-nos, pelos paradoxos anteriores, a atribuir ao *Projeto* de Freud uma certa teoria da linguagem, em que os efeitos da linguagem terão efeito sobre a estruturação da subjetividade. Segundo Safouan (op. cit., p.20), esses efeitos se resumem ao fato de que a linguagem introduz uma falta que é uma falta de ser.

Desse modo, podemos notar como peculiaridade humana a submissão a encontrar a mesma coisa sob a forma da identidade da percepção; entretanto, tal tendência está condenada a sempre perder tal coisa, já que o que é alucinado na consciência, nunca é aquilo que constitui a *Wunschvorstellung*²⁶, embora permita inferi-la.

A partir das experiências de Freud com a análise dos sonhos, pode-se perceber que o que se produz de novo no sonho, ou o que, com o sonho, entra no real, é uma mensagem cujo sentido só se completa no momento da interpretação, quando tal sentido volta ao sujeito, a partir de quem o ouve. Isto porque, no sonho, reafirma Safouan (op. cit., p.27), é outro alguém que o diz, ou mais exatamente, que o significa, e que

²⁶- Representação que o sujeito faz do seu desejo.

designaremos como Outro, para distingui-lo de outros tantos reflexos do eu.

Sendo assim, Lacan é bastante categórico ao afirmar que:

"Não existe um inconsciente pelo fato de existir um desejo inconsciente, obtuso, pesado, caliban e até mesmo animal, desejo inconsciente saído das profundezas, que seria primitivo e teria de se elevar ao nível superior do consciente. Muito pelo contrário, existe desejo porque existe inconsciente, isto é, linguagem que escapa ao sujeito na estrutura e nos efeitos, e porque existe sempre algo ao nível da linguagem que está além da consciência e é aí que se pode situar a função do desejo".²⁷

No Projeto²⁸, Freud nota que a gênese da função secundária está na necessidade que o organismo impõe de uma ação específica, sem a qual as estimulações endógenas não podem cessar: provocar a presença de alimentos, por exemplo. Para que se responda a essas injunções da vida, o raciocínio supõe um organismo dotado de meios capazes de realizar a ação específica. Entretanto, nos primeiros meses de vida, o indivíduo não é capaz de realizar qualquer ação sobre o mundo exterior, é outro que realiza por ele esta ação específica para que se cumpra a experiência de satisfação.

Sendo assim, é necessário que essa pessoa auxiliadora execute pelo ser impotente a ação específica necessária. Este estará então, graças às suas possibilidades reflexas, possibilitado de realizar imediatamente, no interior do seu corpo, aquilo que a supressão do

²⁷ - J.Lacan, *Psychanalyse et médecine* in *Lettres d' l' École Freudienne*, nº 1 p.45 - apud M. Safouan *op.cit.*

²⁸ - S.Freud, *Projeto para uma psicologia científica*(1895), Vol.I Obras Completas, Rio de Janeiro, Ed.Imago Ltda.

estímulo endógeno exige. O conjunto desse processo constitui uma *experiência de satisfação* que tem as conseqüências mais importantes no desenvolvimento funcional do indivíduo.

A partir dessa experiência de satisfação, tal como Freud a apresenta no Projeto tentaremos entender, de um lado, a divisão consciente/inconsciente imposta pela linguagem e, de outro lado, a relação do desejo com essa divisão.

Nesse momento, apresenta-se uma pergunta cuja resposta já sabemos; e é nela que nos deteremos para continuar nossa elaboração: *qual é a forma pela qual esse ser impotente vai em direção à experiência de satisfação, à cessação do estímulo endógeno? - Por via do grito!*

É assim, escreve Safouan (*op. cit.*, p.36), por essa via, que se enxerta a onipotência da representação na impotência original do homem.

Até então, não tínhamos o que se pode chamar de *para além da experiência de satisfação*, ou seja, *a experiência de castração*. Nós tínhamos um sujeito atrelado somente ao real, instância que Lacan convoca para nomear a 'coisa' que vigora na contradição de resistir a uma simbolização, e insistir nessa simbolização após a experiência de castração.

O engendramento da estrutura está, assim, amarrado a uma exterioridade constitutiva - é lá que se funda o que eu desejo, de tal forma que a experiência de satisfação só pode ser uma experiência de frustração, justamente porque o desejo é o desejo do Outro.

O inconsciente se estrutura como uma linguagem porque Lacan não negligencia a função do desejo na linguagem. Esse desejo que se funda no desejo do Outro²⁹, e que funda o desejo do outro pela

linguagem. A linguagem, por sua vez, funciona por haver falta, visto que o gozo não pode ser total, já que o desejo do sujeito se funda no do Outro. O único gozo pleno, o encontro do sujeito com o significante, para Lacan, se dá na morte. Sendo assim, se o desejo se funda pela linguagem, esta produz um resto que vem a se constituir como falta para o sujeito. A esse respeito Safouan coloca:

“Nesse plano, nenhum imperativo categórico pode romper a ambigüidade constitutiva do desejo, na medida em que esse último se estrutura segundo Édipo, além dos limites da consciência, como desejo pela mãe imposto pelo desejo do pai que o proíbe. Que o desejo seja a lei não exclui que seja também o avesso dela. A fórmula de Lacan significa que a lei não está inscrita em nenhum lugar a não ser no desejo”. (*op.cit.*, p.85)

Tal articulação, a partir do corte da **Lei**, engendra a **estrutura**³⁰ do sujeito, este que é representado de um significante para o outro - lugar que assinala a impossibilidade de o sujeito, ao dizer, dizer o que quer. O sujeito aqui se apresenta na reedição do seu recalque que, atravessado pela língua, vem à tona esburaqueado, ou seja, nem reduzido a uma forma originária do seu desejo, visto que esburaqueado, nem livre dessa forma, que é a única capaz de fundar a linguagem nesse movimento do desejo.

O inconsciente tem em comum com a linguagem o jogo metaforonímico, e esse jogo é um funcionamento da **estrutura**, estrutura essa que é comum à linguagem e ao inconsciente. Freud nos deu como pista os movimentos de condensação e deslocamento das formações do

²⁹ - “(...)o Outro, rigorosamente falando, não é um sujeito mas um lugar: nesse lugar, há um saber, (...)há um desejo, uma falta.” Safouan (*op.cit.*, pag.86)

³⁰ - “A **estrutura** que a Psicanálise descobre é um corte que somente a Lei protege contra a (e da) tentação que leva o homem a encontrar - em vão - seu primeiro fechamento.” Safouan (*op.cit.*, p.103)

inconsciente e Lacan, a partir daí, sustenta que o inconsciente se estrutura como uma linguagem.

A simples nomeação de um lugar comum, o jogo metaforonímico, a tais estruturas: da língua e do ser (sujeito), um dia distantes, embora constitua tarefa difícil, é condição necessária, mas não suficiente, para entender o conceito de estrutura que aí vigora.

É preciso pensar num funcionamento dessa estrutura, e mais, procurar entender o que significa ter um sujeito incluído nessa estrutura. A exclusão do sujeito na Lingüística saussuriana é argumento suficiente para sustentarmos uma diferenciação entre os dois conceitos de estrutura; o segundo argumento nos seria dado por Lacan, quando introduz o sujeito na condição de representado de um significante a outro, portanto, e não só por isso, dentro da estrutura.

A estrutura, para a Psicanálise, teria em comum com a estrutura já propagada por Saussure, o jogo metaforonímico, o qual Freud indicava ao falar de condensação e deslocamento, sem todavia falar de estrutura.

Para que se instaure esse jogo, que Lacan chama de simbólico, é preciso que o sujeito seja interpelado por uma *lei* - a *lei* da castração - experiência que faz o sujeito aceder à linguagem pela falta que se instala na estrutura no momento mesmo da ruptura causada pela impossibilidade do incesto.

Procuramos descrever aqui os processos psíquicos, assim como os descobriu Freud, mas tentamos ir, com Safouan, além, tocando no que Lacan nos trouxe, a partir de Freud, e que inaugura a questão da Lingüística com a Psicanálise.

Essas descrições dos processos psíquicos vêm, em última análise, apresentar a noção de um funcionamento do aparelho psíquico

que, como a estrutura saussuriana, compreende um sistema em que os elementos articulam-se na sua diferença, ou seja, para se ter algo da ordem da estrutura, nos dois casos, é preciso que os valores sejam contados pela posição que cada elemento ocupa num agrupamento.

A lei da interdição seria então, para Lacan, a metáfora paterna que permite à criança entrar no simbólico, na linguagem, ou seja, o pai vem fazer a barra, a interdição, é o terceiro e o que introduz o sujeito na língua. Quando se fala em estrutura, a partir da Psicanálise, é da Lei que se trata, é do Édipo, mas não enquanto mito, e sim enquanto estrutura que ordena o desejo em um efeito de relação, não com o social, mas com a linguagem.

4- Um certo Estruturalismo, ou como se engendra a ordem **simbólica**

“Digamo-lo francamente; quando nos interrogam acerca do Estruturalismo, não compreendemos, as mais das vezes, do que se quer falar.” (Wahl, 1968, p.13, Introdução da obra O que é o Estruturalismo?)

Veremos que a respeito do Estruturalismo não é possível falar de um único Estruturalismo. Não só porque essa suposta unidade se difrata em novas nuances de acordo com o que se vê no seu movimento histórico, ou na sua relação com diferentes objetos: língua, antropologia, história, Psicanálise ou Filosofia; como também porque tais articulações não bastam para diferenciar um Estruturalismo de um outro qualquer.

Ao ser articulado com a finalidade de produzir conhecimento sobre um determinado objeto, o Estruturalismo toma nuances diferentes. Mas também são diferentes as suas nuances de acordo com a época e o lugar em que é articulado, ou seja, o *stablishment acadêmico* tem a mais forte influência na forma como esta teoria do conhecimento pode ser articulada; em especial se lembrarmos que é comum, ao proceder a tal articulação acadêmica, propô-la na relação de contraposição teórica. Ao efetuar tal contraposição, pode-se perceber que uma ou outra característica é privilegiada, em relação a uma ou outra característica do movimento científico a que se contrapõe. Tal construção produz um resultado singular em que, para situá-lo, faz-se necessário recuperar as condições de construção do conceito de estrutura em jogo. Sendo assim, um Chomsky (segundo alguns lingüistas) pode ser considerado um estruturalista; um Pêcheux, também, para falarmos dos teóricos

contemporâneos da linguagem, embora não passe despercebida a diferença que se instala nas suas produções acerca da língua. Diferenças estas que resultam do viés que adotam para as suas articulações.

Em Saussure, o conceito de estrutura pôde ser depreendido da sua noção de sistema (de pura diferença), embora Saussure não enunciasse uma preocupação em elaborar um conceito de estrutura. Freud também não se preocupou com a questão da estrutura, mas propõe o *falo* como um elemento em torno do qual se dá uma certa estruturação, o que parece apontar para uma estrutura que, situada além do conteúdo manifesto, engloba-o ao mesmo tempo em que o explica. Para Lacan, enfim, a estrutura é o Édipo, que engendra uma relação entre Real, Simbólico e Imaginário, um *complexo* no sentido forte do termo. O Édipo, como afirma Lacan, passa do mito à estrutura.

O que permanece então do Estruturalismo, na produção de cada um deles, para que possamos reconhecê-lo como tal? Ou, repetindo aqui a pergunta de Gilles Deleuze: Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?³¹

Não podemos deixar de considerar o conceito de estrutura nas várias acepções que esse termo pode ter. Uma estrutura pode ser considerada uma organização simplesmente; mas também podemos considerá-la um modelo teórico. Não é, estritamente, de nenhuma dessas acepções de estrutura que trataremos aqui.

Iniciaremos colocando a diferença enunciada por Miller³², entre o estruturante e o estruturado. Para esse autor, o estruturado seria um

³¹- Gilles Deleuze. *Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?* in: *O Século XX*; Zahar Editores; Rio de Janeiro - RJ.

³²- in *Matemas I*, 1996.

plano atual, no qual a estrutura se ofereceria a um observador e que constitui o seu estado, e o estruturante, uma dimensão virtual, a partir da qual todos os seus estados são susceptíveis de serem deduzidos. Evidentemente, uma acepção de estrutura como essa não é do mesmo teor da noção de estrutura que serve de modelo teórico para abarcar a realidade. Na primeira acepção, a estrutura produz a realidade; na segunda, a estrutura a representa.

Para Deleuze só há estrutura daquilo que é linguagem. O próprio inconsciente só é estrutura na medida em que o que ele fala é linguagem. As próprias coisas só têm estrutura na medida em que mantêm um discurso silencioso. Para que se reconheça o Estruturalismo, Deleuze estabeleceu sete critérios.

O primeiro critério é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, a do simbólico. A posição do simbólico é irredutível ao real, bem como ao imaginário.

O segundo critério para se reconhecer o Estruturalismo é a topologia, ou seja, os locais, num espaço puramente estrutural, são primeiros relativamente às coisas e aos seres reais que vêm ocupá-los.

O terceiro critério é reconhecer que os elementos em si não têm nenhum valor determinado e que, entretanto, se determinam reciprocamente na relação que é puramente diferencial, dependendo assim fundamentalmente dos lugares que ocupam. Embora esses elementos não tenham nem existência, nem valor, nem significação, é esse processo, de uma determinação recíproca no interior da relação, que nos permite definir a natureza simbólica.

A diferenciação constitui o quarto critério. A estrutura é diferencial em si mesma, mas também diferencial nos seus efeitos. O que é que coexiste na estrutura? Todos os elementos, as relações e valores de

relações, todas as singularidades próprias ao domínio considerado. Semelhante coexistência não implica nenhuma confusão, nenhuma indeterminação: são relações e elementos diferenciais que coexistem num todo, perfeita e completamente determinado. Entretanto, este todo não se atualiza como tal. O que se atualizam aqui e agora, são tais relações, tal repartição de singularidades; outras atualizam-se alhures ou em outros momentos. Não há língua total³³ encarnando todos os fonemas e relações fonéticas possíveis.

O quinto critério levantado por Deleuze é o serial. A organização das séries constitutivas de uma estrutura supõe uma verdadeira encenação, e exige, em cada caso, avaliações e interpretações precisas. Não há, absolutamente, regra geral. Desse modo, a determinação de uma estrutura não se faria tão somente pela escolha dos elementos simbólicos de base e das relações que eles entretêm entre si, nem pela repartição dos pontos singulares que lhes correspondem, mas pela constituição de uma segunda série que mantém relações complexas com a primeira. Esse funcionamento é exemplarmente mostrado por Lacan³⁴, em um de seus seminários mais célebres, *A Carta Roubada*, em que faz uso do romance de Edgar Allan Poe. A elaboração lacaniana nos mostra, nesse seminário, como a “estrutura” põe em cena duas séries cujos lugares são ocupados por sujeitos variáveis³⁵.

³³ - Entenda-se por língua total uma determinada língua que possa atualizar-se na evidência de todos os seus elementos.

³⁴ - Jacques Lacan, “O Seminário sobre A Carta Roubada” *Escritos*, São Paulo Editora Perspectiva, 1988 p.17-67.

³⁵ - Primeira série: rei que não vê a carta, rainha que se alegra por tê-la tanto melhor ocultado quando a deixou em evidência, ministro que vê tudo e que toma a carta; segunda série: polícia que nada encontra na casa do ministro, ministro que se alegra por tanto melhor ter ocultado a carta quanto a deixou em evidência, Dupin que tudo vê e que retoma a carta.

O sexto critério é denominado a *casa vazia*. Esta casa vazia pode ser representada pelo lugar da *Carta Roubada* nas séries referidas acima. É a carta que provoca o movimento das duas séries que compõem uma estrutura. Um objeto cuja natureza consiste em estar sempre deslocado em relação a si mesmo e que tem a propriedade de nunca estar onde é procurado. Os jogos têm necessidade de uma casa vazia, sem o que nada avançaria nem funcionaria. Enfim, esse lugar, essa casa vazia, está diretamente vinculada ao que Lacan chama de *significante falo*, o falo simbólico que determina o lugar relativo dos elementos e o valor variável das relações.

O último dos critérios é relativo ao sujeito e a sua prática. O sujeito é aqui, precisamente, a instância que segue o lugar vazio, ou, como diz Lacan, ele é menos sujeito que assujeitado - assujeitado à casa vazia, assujeitado ao falo e aos seus deslocamentos. O Estruturalismo não é, nessa concepção, um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, fato de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais. Esse sujeito que acompanha a casa vazia sem ocupá-la nem abandoná-la, este ponto de mutação, define precisamente uma *práxis* ou, antes, o próprio lugar em que deve instalar-se a práxis. Porque o Estruturalismo não é somente inseparável das obras que cria, mas também de uma prática relativamente aos produtos que interpreta. Seja esta prática terapêutica ou política, ela designa um ponto de revolução permanente, ou de transferência constante.

Desde que enunciemos o primeiro critério apontado por Deleuze para se reconhecer o Estruturalismo, acompanhou-nos uma pergunta que aqui tem toda a sua importância: *Em que consiste esse simbólico?*

Ainda guiados por Deleuze, podemos dizer inicialmente que o simbólico entretém com o imaginário uma fronteira em que o imaginário tende a refletir e a reagrupar sobre cada termo o efeito total de um mecanismo de conjunto; ao passo que a estrutura simbólica assegura a diferenciação, ou seja, o imaginário desdobra e reflete, projeta e identifica, perde-se em jogos de espelhos, e as distinções que faz, como as assimilações que opera, são efeitos de superfície que ocultam os mecanismos diferenciais de um pensamento simbólico.

O Estruturalismo tal como o vimos, guiados por Deleuze, e que tem um forte vínculo com o que sustenta a teoria lacaniana, parece introduzir a medida mesma do nosso empreendimento. Isto é, falamos de um lugar que considera a questão da língua indissociável da questão do sujeito. O sujeito de que se fala também merece ser aqui minimamente qualificado. Não se trata do social, tampouco do psicológico ou biológico, trata-se aqui do sujeito do desejo³⁶.

Aqui, como se vê, os conceitos de língua, sujeito e Estruturalismo têm uma peculiaridade; entretanto, não podem garantir a especificidade de uma articulação sem consequências para a noção de ciência. A consequência de tal articulação parece trazer uma possibilidade para repensar o conceito de ciência, em contraposição ao que se sustenta das formulações hegelianas ou cartesianas acerca do sujeito.

³⁶ - "Ora, o desejo do sujeito falante é o desejo do Outro. Se se constitui a partir dele, é uma falta articulada na palavra e é a linguagem que o sujeito não poderia ignorar, sem prejuízos. Como tal, é a margem que separa, devido à linguagem, o sujeito de um objeto supostamente perdido. Esse objeto *a* é a causa do desejo e o suporte do fantasma do sujeito." R. Chemama (*op. cit.*)

5- A Estrutura ou a inclusão do terceiro

"Para a Psicanálise, que se constitui na tematização da relação do sujeito com sua palavra, uma vez que a descoberta freudiana põe em relevo a atuação do jogo metaforonímico no inconsciente, **a estrutura se refere àquilo que coloca uma experiência para o sujeito que ela inclui.** Como aponta Lacan, é o inconsciente estruturado como uma linguagem, na medida que tem em comum com esta o jogo metaforonímico" (Leite, 1994:49, grifo nosso).

Saussure e Freud não estavam distantes de uma mesma concepção de língua, aquela que na virada do século instalou as bases do conceito de estrutura, tão caro à Lingüística quanto à Psicanálise. Freud já anunciava, no seu trabalho sobre as afasias em 1891³⁷, a possibilidade de um aparelho de linguagem ligado ao aparelho psíquico; Saussure ministrou seu curso nos primeiros anos desse século. Havia uma contemporaneidade nessas descobertas, embora não houvesse, em Freud, uma preocupação com a língua como objeto.

Opera-se, então, a partir de Lacan, um entrelaçamento nessas elaborações acerca de uma estrutura da língua. A elaboração teórica de Saussure, que possibilitou o advento do Estruturalismo (ou o método estruturalista que se fundamenta na própria natureza simbólica do objeto), ofereceu a Lacan um caminho para restituir a Freud o seu lugar frente a uma concepção do funcionamento psíquico próprio do humano e que, segundo o psicanalista francês, não estava sendo reconhecido pelos pós-freudianos. Entretanto, esta leitura lacaniana de Saussure leva as marcas de uma sobredeterminação causada pelos efeitos de uma leitura primeira de Freud. Lacan leu Saussure freudianamente, o que,

³⁷ - S. Freud. *O Inconsciente*. Obras Completas; Editora Imago Ltda, Vol. XIV pag. 217.

pelas suas conseqüências teóricas, provocou uma diferença acerca do que pode ser visitado, a partir daí, tanto em Saussure como em Freud.

O nosso trabalho, até este momento, tem sido o de buscar o movimento de um psicanalista, Lacan, ao fazer valer a radicalidade da teoria que o sustenta: a Psicanálise.

Em que esse movimento pode ser importante para a Lingüística?

Que o movimento de Lacan tenha ancoragens numa teoria da linguagem, isso importa à Lingüística, mas só a partir do momento em que reconhecemos a outra nomeação dada por este terceiro (Lacan o é aqui na série Freud, Saussure). Em outras palavras, não se trata de *repetir* a busca do pai (da Lingüística e da Psicanálise), engendrada por Lacan, mas de *recordar* um encontro que produziu conseqüências; afinal, Lacan não se contentaria em *repetir e recordar* tão somente, ele foi capaz de *elaborar*³⁸ e então nomear: *lingüisteria*. Tal elaboração nos interessa então enquanto lingüistas; pela articulação feita não no plano dos enunciados mas no plano dos efeitos, isto é, porque essa nomeação não é sem conseqüências para a Lingüística, justamente quando, para o par **língua e fala**, ele introduz um terceiro: **lalangue**, que, como veremos, incide sobre o conceito de língua.

Ao retornarmos a Milner (1978), encontramos uma definição de **lalangue** (entre tantas), que nos parece oportuna neste momento:

"(...)c'est *lalangue*, autrement dit, ce par quoi, d'un seul et même mouvement, il y a de la langue (ou des êtres qualifiables de parlants, ce qui revient au même) et il y a de l'inconscient."(*op. cit.*, p.26)

³⁸ - Fizemos aqui uma referência ao texto freudiano de 1914: Recordar, repetir e elaborar (Vol.XII, p.163) em que recordar pode ser lido como trazer à lembrança fatos que se encontram *esquecidos*, mas que se relacionam diretamente com o seu sintoma; a repetição, por sua vez, sob as condições de resistência, substitui a recordação; a elaboração enfim deve ser feita, no trabalho analítico, sobre tal resistência, de forma que, num certo instante, no auge desta, o paciente possa se aperceber do poder dos impulsos instituais que as alimentam.

ou :

"(...)par là, par l'incontournable de son réel, il (Saussure) met la langue en excès, qu'on la prenne en elle-même ou dans sa représentation calculable: cette fonction d'excès, nous l'appelons lalangue."(*op. cit.*, p.93).

Enfim, lalangue não substitui a língua, mas lhe confere um outro estatuto: o de não todo, já que à língua, algo falta. Tudo não se diz. Quanto a esta hipótese, Benveniste respondeu a Lacan que à língua, enquanto sistema, nada falta, que ela é completa. Concordamos com ele, uma vez que a língua só comporta uma falta a partir da consideração de um sujeito falante, quando ela é articulada com a fala. Às duas definições de lalangue, acima citadas, vemos que a primeira estabelece entre língua e ser falante uma ligação imanente, e é disso que se trata neste trabalho, da consideração de um sujeito incluso na estrutura mesma da língua.

A *falta*, noção que articulamos anteriormente com o conceito de *ciência* buscando as conseqüências de se considerar a primeira na produção da segunda, é condição para a fala que provoca, a partir do discurso do Outro, novamente, a falta. O entrelaçamento entre a língua e a falta encontra em lalangue um lugar de emergência desse nó, um ponto onde o desejo vem corromper a ciência.

Quanto a esta proposição: à língua algo falta, Milner faz uma referência à relação sexual. Ou seja, dois sujeitos não podem se reunir, no sentido em que não são igualáveis, simetrizáveis um ao outro e, assim, uma conjunção produziria aí um resto.

A relação sexual, por ser impossível (não se faz um todo, é sempre dividida), é empacotada de proibições; portanto, "aquilo que para o ser falante é lugar do impossível é também o lugar de uma proibição".

Esta asserção está intimamente ligada ao fio desenvolvido por Lacan no Seminário 20, qual seja: a linguagem repete a relação sexual no que esta tem de impossível, a linguagem faz assim manifestar a sua insuficiência; mas o que é que Lacan nos apresenta em suplência à relação sexual? Justamente o amor (1985, p.62), aquele do qual Milner trata em "L'Amour de la Langue", tão citado em nosso trabalho, e que nós só fizemos deslocar para a Lingüística assim traduzido: o amor da língua vem em suplência ao impossível da Lingüística. Essa barra que impede o acesso do significante ao significado, Lacan nos ensinou, abre pelo menos uma possibilidade: o amor.

Entretanto, para que se faça ciência, para que se busque um saber, ou melhor, para que se faça agir um saber, é preciso que a língua adquira, para o sujeito pesquisador, a consistência própria do imaginário, e a sua totalidade será aí aquela de um fantasma. Como nos lembra Milner (1978),

"Le rapport du linguiste à sa propre langue est structurellement dédoublé. Il se tient au point où le pas-tout doit être projeté en tout. Il est donc toujours en passe d'imaginer un signifiant qui comblerait le manque de la langue et la ferait toute, disons un maître-mot." (*op. cit.*, p.43, grifo nosso)

Sendo assim, no amor como na língua, enquanto esta é tratada pela lingüística, trata-se de não considerar a diferença, trabalhar na direção em que este discernível cesse de comparecer, fazer com que dois façam um, por um preenchimento fantasmático do que não pode ser unido, transformado em um só.

Este preenchimento fantasmático, responsável pelo amor e pela ciência, como dissemos acima, esse fantasma que faz agir um saber mas

somente na condição de que a língua adquira consistência de imaginário, que é o registro do engodo e da identificação⁴², de que se trata afinal?

O fantasma é, ao mesmo tempo, efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos atuais, conscientes e inconscientes; observa-se então o caráter circular das relações que unem fantasma e desejo. Uma das provas da importância de se considerar o desejo na constituição do fantasma é a observação, feita especialmente pelos que se dedicam à clínica, de que não há relação imediata entre ele e os acontecimentos concretos vividos pelo sujeito.

O fantasma exerce uma função quase homeostática, o que podemos chamar de superfície fantasmática que é margeada pelo campo do simbólico e do imaginário, enquanto aquilo que recobre o campo do real. A sua função é a de obturação do real, que é no caso, o indizível do sujeito. O fantasma protege o sujeito não só do horror do real, mas também dos efeitos de divisão, consequência da castração simbólica.

Embora o nosso trabalho dê notado privilégio ao estatuto do simbólico na Lingüística e na Psicanálise não deixamos de fazer notar que não é possível a articulação desse registro sem fazer a devida referência ao real e ao imaginário.

Lacan, como psicanalista, a partir da sua escuta e de sua construção teórica, pôde nos trazer elementos que pudessem afetar o que já temos construído a respeito do saber sobre a língua. Nesse trabalho, recorreu sempre a dois lingüistas: Saussure e Jakobson. Em Jakobson, buscou basicamente as elaborações sobre metáfora e metonímia; em Saussure, a noção de Estrutura. Limitamo-nos a essa aproximação de Lacan com Saussure. Para tanto, tentamos trabalhar o conceito de estrutura nas condições em que Saussure a elabora,

⁴² - Conforme nota de rodapé nº 04.

conceito este que vem a ser o que sustenta a ascensão do Estruturalismo na Lingüística. Tentamos, ainda, abordar, na obra lacaniana, o que vem a ser estrutura, de forma a pensarmos uma contribuição mútua entre a Lingüística e a Psicanálise ou, mais precisamente, apontar as especificidades do que vem a ser **estrutura** para um e para outro campos de conhecimento.

Estas questões nos levaram a um percurso teórico que pudesse nos trazer uma sustentação mínima para pensar de que forma a Psicanálise pode constituir alguma diferença para a Lingüística, já que tentamos, até aqui, pontuar que a língua é condição para o inconsciente mas que este é condição para a Lingüística. Pareceu-nos necessário chegar ao encontro de Lacan e Saussure. Percorremos então o caminho que nos leva ao “pai” da Lingüística: Saussure, e nos propusemos a pensar sobre as condições que os estudos da linguagem apresentavam para que o lingüista genebrino pudesse elaborar a noção de **estrutura** (ou sistema), tão cara à Lingüística e tão imprescindível para que esta pudesse se constituir como ciência.

Considerações Finais:

(...) todas as proposições da *theoria lacaniana* supõem a equação de sujeitos, pois supõem concluído o movimento de reflexão sobre uma praxis. (Milner, 1996, A Obra Clara, p.29)

Na introdução do Seminário 11 de Lacan, sob o título de *excomunhão*, o autor faz uma reflexão acerca da pesquisa dita científica, e define a *práxis* (p.14) como o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, de tratar o real pelo simbólico. É nessa *práxis*, tal como Lacan a definiu, que pretendemos inserir o nosso trabalho cuja ética pretendemos que se sustente a partir daí.

Acossado pela sua própria definição, ou pelo próprio lugar em que se inscrevia, o lugar acadêmico, lugar da ciência, este trabalho pretendeu pôr em questão o *fazer científico*, tarefa reconhecidamente difícil há muito tempo, mas necessária quando se trata de trabalhar com a dita pesquisa científica e, nesse caso, sem renunciar à ética do desejo.

Recuperar um movimento do pai da Lingüística foi tarefa árdua, que reconhecemos inconclusa, restando então a satisfação da busca desse passo que inaugura a ciência em que se inscreve este trabalho. Sendo assim, se o movimento não pôde ser recuperado senão como um esboço, fica evidente o reconhecimento, a filiação.

Fundamentalmente, procuramos colocar um certo conceito de língua e, a partir daí, anunciar a problematização do conceito de ciência, tal problematização resultaria na seguinte questão: como uma teoria da

língua, sendo conseqüente com a teoria do inconsciente, pode afetar uma teoria da ciência? Dessa forma, o trabalho se encaminhou em direção a uma demanda acadêmica, no sentido de que esta solicita determinado método de elaboração. Entretanto, o trabalho resulta realmente de uma práxis, ou seja, de uma experiência de tratar o real pelo simbólico e, nas palavras de Lacan, “Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário.”

Anunciamos, no início do trabalho, que reconhecíamos como entrelaçadas duas questões: a do conceito de língua e da tarefa do lingüista; assim como alertamos o leitor para o fato de que os limites deste trabalho estavam estabelecidos no compromisso de desenhar essas questões com o objetivo de formulá-las adequadamente sem, no entanto, esperar que, ao fim do esforço de formulação, restasse uma resposta. A resposta aqui, se fosse possível enunciá-la no momento, diria respeito a um lugar e não a um conceito. Lugar que fosse capaz de sustentar alguma elaboração sobre a língua, mesmo que ao nível de questão. Parece-nos possível indicar que esse lugar diz respeito a uma ética que considere esse real que comparece como enigma, que não pára de não se escrever e convoca a produzir significações.

Este lugar, na lingüística, talvez não seja possível, uma vez que se trata de uma ciência cuja escrita adquire consistência no imaginário. Contudo, o que é da ordem da impossibilidade não é da ordem do fracasso. A empreitada científica da lingüística, reconhecidamente, não tem sido reputada ao fracasso; entretanto, o real, razão de mal estar, já que não se escreve e não cessa de insistir, adquirindo nuances de um desejo inconfesso, insiste na lingüística comparecendo como um sintoma.

O sintoma é a expressão de realização de desejo e a realização de um fantasma inconsciente; fantasma esse que é ao mesmo tempo efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos atuais

conscientes e inconscientes. Assim, a lingüística, enquanto trata de um objeto que é tecido de desejo; a língua, não pára de atender a essa demanda resultante de um recalcamto: o real da língua. A língua não se livra do real, quanto à lingüística, feita ciência, opera num funcionamento imaginário e simbólico e o real estaria encoberto por esse fantasma inconsciente, responsável pela obturação do real.

Esse funcionamento fantasmático é o que Milner nomeia o “amor da língua”, necessário para que a língua adquira para o sujeito pesquisador a consistência própria do imaginário.

O sintoma que serve para realizar tal desejo arcaico e inconsciente é, assim, o retorno de uma satisfação há muito tempo recalçada, mas também é a formação de um compromisso, à medida que nele igualmente se exprime o recalcamto. Por meio desse compromisso, meio pelo qual o recalçado irrompe na consciência, a ação da defesa permanece paradoxalmente compatível com a satisfação, como um modo desviado do desejo inconsciente, compromisso esse ao qual geralmente chega toda a produção do inconsciente (sonho, lapso ou ato falho).

O sintoma é, antes de mais nada, o efeito do simbólico no real³⁹ e, assim, diferente de uma práxis cuja proposta é tratar o real pelo simbólico; é nesse lugar que se instala a tensão entre psicanálise e lingüística. A primeira se ocupa de tratar o real, que resiste à simbolização mas não deixa de comparecer, justamente pelo simbólico; sendo assim, o real da língua mereceria ser tratado pela teoria psicanalítica. A segunda, a lingüística, tem seu funcionamento marcado por uma operação de recalcamto desse real, a fim de que o imaginário, condição da ciência, adquira consistência.

³⁹ - R. Chemama, *Dicionário de Psicanálise*; 1995; Artes Médicas.

Referências Bibliográficas

CHEMAMA, Roland; Dicionário de Psicanálise; trad.Francisco Franke Settineri - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

DELEUZE, Gilles; "Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?" in: **O Século XX**; Zahar Editores; Rio de Janeiro - RJ.

DOSSE, François, **História do Estruturalismo**, vol.01: "O Campo do Signo", tradução Álvaro Cabral - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

DUCROT , Oswald; **Estruturalismo e Lingüística**; tradução João Paulo Alves Cultrix; São Paulo- SP; 1968.

FREUD, Sigmund. "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" in Vol.XVIII **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Editora Imago Ltda. 1972.

FREUD, Sigmund. "O inconsciente" in Vol.XIV **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Editora Imago Ltda. 1972.

FREUD, Sigmund. "Projeto para uma psicologia científica", in Vol.I **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Editora Imago Ltda. 1972.

HEGEL, G.W.F.. **A Fenomenologia do Espírito** - Tradução de Henrique de Lima Vaz. Edít.Nova Cultural - vol II (coleção Os Pensadores) 1989.

LACAN, Jacques. La ciência y la verdad in: **Escritos 2**. Siglo Venturino eds. 14ª ed. 1988; pp 834-856.

LACAN, Jacques. **O Seminário - livro 20. Mais ainda**, Zahar Editores, 1982.

LACAN, Jacques, **O Seminário - livro 11. Os quatro conceito fundamentais da Psicanálise**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

LACAN, Jacques, **O Seminário - livro 17. O avesso da Psicanálise**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1992.

LACAN, Jacques. "O Seminário sobre A Carta Roubada" **Escritos**, São Paulo Editora Perspectiva. **Escritos**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1988. p.17-67.

LACAN, Jacques. "A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" **Escritos**, São Paulo Editora Perspectiva, 1988 - p.275-311.

LEITE, Nina; **Psicanálise e Análise do Discurso - O Acontecimento na**

Estrutura; Editora Campo Matêmico; Rio de Janeiro -RJ; 1994.

MILLER, Jacques-Alain ; **Matemas I**; trad.Sérgio Laia. Jorge Zahar ed., Rio de Janeiro; 1996.

MILNER, Jean Claude. "**L'Amour de la Langue**", Éditions du Seuil, Paris, 1978.

MORA, José Ferrater; **Dicionário de Filosofia**; tradução Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral - São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PÊCHEUX, Michel; "Análise Automática do Discurso (AAD 69)" *in* **Por uma Análise Automática do Discurso**. Gadet, F. & Hak, T. (orgs); Tradutores Bethania S.Mariani...[et al.]; Campinas: Ed.da Unicamp; 1990.

SAFOUAN, Moustafá, **Estruturalismo e Psicanálise**, Cultrix, São Paulo, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**, editora Cultrix, São Paulo, 1973.

WAHL, François. **Estruturalismo e Filosofia**, Cultrix, São Paulo, 1968.